



ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 81
MARÇO DE 2024

O Cruzeiro
Revista Semanal Ilustrada





Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
AFSC
Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux
CEP 88010-560 - Florianópolis, SC
Caixa Postal 229 - CEP 88010-970

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2023 para o período de agosto/2023 a agosto/2024:

Presidente:.....Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:.....Demétrio Delizoicov Neto
Primeiro secretário:.....Romeu Odilo Trauer
Primeiro tesoureiro:.....Bernardo Bihr Lopes
Diretor de Sede:.....Cezar Augusto de Moraes Bolzan

Conselho Fiscal:

Lucia de Oliveira MilazzoHugo Nestor Ciavattini (suplente)
Paulo Cezar da Silva.....Juliano Natal (suplente)
Rubens Moser.....Maurício Silva Soares (suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim – Santa Catarina Filatélica.

Para suporte aos dispêndios decorrentes de suas atividades, a AFSC depende principalmente da arrecadação de anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2021:

Efetivos – residentes na Grande Florianópolis, com idade a partir de 18 anos R\$150,00
Juvenis – com idade inferior a 18 anos R\$20,00
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis R\$50,00
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil US\$35,00

ASSOCIE-SE!

www.afsc.org.br afsc@afsc.org.br

Reuniões regulares:

Quintas-feiras a partir das 18:30 horas e Sábados a partir das 14:30 horas

SCF – Santa Catarina Filatélica – Boletim semestral da AFSC – desde 1949

Para anunciar neste Boletim:

Página inteira: R\$70,00 / Meia página: R\$40,00 / Terço de página: R\$30,00
Terceira capa: R\$110,00 / Quarta capa: R\$140,00

Florianópolis, março de 2024.

Revisão textual: Lucia de Oliveira Milazzo.
Diagramação e Capa: Fagner Maximo da Silveira.

Capa:

Imagens presentes nos artigos deste Boletim nº 81.



Palavras do Presidente.....	04
A quinta emissão das cintas do Brasil	
Algarismos grandes.....	05
Capinzal – Santa Catarina.....	10
Simbologia das Cores nas Moedas Brasileiras.....	16
Entrevista - Arno Eberhard Märtin.....	21
Coleções e colecionadores.....	27
As primeiras Cédulas da República (1890-1900).....	31
Irineu Bornhausen.....	45
Variedades Permanentes nos Selos da	
Série Hansen do Padre Veuster de 1952 e 1953.....	48

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como o que se refere ao uso de imagens.

Palavras do Presidente

A máquina do tempo ainda não foi inventada (ou sua invenção não foi divulgada até o momento em que escrevemos estas linhas). Na opinião do físico britânico Stephen Hawkins, nunca será. Segundo ele, "a prova de que no futuro não existirão viagens no tempo é que não estamos sendo visitados pelos viajantes do futuro". De qualquer maneira, o passado é um destino que cativa um sem-número de pessoas. Se não conseguimos visitar o passado fisicamente, pelo menos é possível em imaginação.

O colecionismo é uma das formas pelas quais buscamos a história, seja na filatelia com as comunicações, na numismática pelas relações comerciais e econômicas, ou ainda pela cartofilia, com os momentos registrados em instantes fotográficos ou pictóricos.

Enfim, na AFSC, procuramos estar em muitos momentos do passado, para ajudar você a planejar sua futura viagem. Neste Boletim existem exemplos dessa época que já passou, mas ainda não apagada. Esperamos que você se inspire.

Luis Cláudio Fritzen
Março de 2024



A quinta emissão das cintas do Brasil

Algarismos grandes

Rogério A. Dedivitis - Santos, SP (*)

As cintas brasileiras foram introduzidas pelo artigo 30 do Decreto nº 3.443, de 12 de abril de 1865. A regulamentação desse serviço ocorreu em 1866, mas foram impressas apenas em 15 de dezembro de 1888. Houve uma emissão no Império (D. Pedro II, 1889) e 4 emissões na República.

Em três destas últimas, o selo impresso apresentava a Cabeça da Liberdade (1893, 1907 e 1918).

O selo impresso da última emissão apresentava modelo novo de algarismos grandes (1926-28). Assim, em 1926, foram elaboradas as cintas no tamanho 61/63 x 348/350mm, ou seja, menores que as emissões anteriores de cintas:

- **20 réis** - Há dois tipos de papel: pardo e laranja e um tipo fecho, chamado tipo I (chanfrado).



Figura 1 - Cinta de 20 réis, verde escuro, com fecho tipo I (chanfrado) nos papéis pardo (A) e laranja (B).

- 40 réis - (amarelo alaranjado), também com fecho tipo I.



Figura 2 - Cinta de 40 réis, amarela, circulada sob porte urbano, em Porto Alegre.

O Edital de 12 de dezembro de 1925 também previa a cinta de 60 réis, porém, mesmo anunciada, não chegou a ser emitida. Em 1928, foi lançada a cinta de 50 réis, para impressos dentro do Brasil, a partir do dia 1º de janeiro daquele ano. A cor era azul ardósia e o fecho era tipo I (chanfrado).



Figura 3 - (A) Cinta de 50 réis, com fecho tipo I, com adição de 50 réis para completar o porte internacional de 100 réis (destino: Buenos Aires). (B) variedade com deslocamento de impressão do selo.

É conhecida prova da American Bank Note com o desenho do selo de 50 réis.



Figura 4 - Prova da ABN do selo impresso de 50 réis.

Em 1931, foi feita a reemissão da cinta de 20 réis, verde escuro, tipo II – fecho reto. O motivo foi a diminuição da taxa mínima para impressos de 50 réis para 20 réis, a partir de 1º de fevereiro.



Figura 5 - (A) Cinta reemitida de 20 réis; (B) no verso, verifica-se o fecho reto.

Em 1º de junho de 1934, a taxa mínima para impressos voltou a ser de 50 réis. Como isso, naquele ano, foi realizada a reemissão das cintas de 50 réis, também em azul ardósia, contudo, com fecho tipo II – reto.



Figura 6 - Cinta reemitida de 50 réis, com fecho tipo II – reto.

Como ocorreu com outros tipos de inteiros-postais contemporâneos, as cintas também receberam anúncios impressos. Não são conhecidos muitos para o modelo de algarismos grandes.



Figura 7 - Cinta de 20 réis de 1926 (fecho tipo I – chanfrado) com propaganda da Haupt & Co., de São Paulo.



Figura 8 - Cinta de 20 réis de 1931 (fecho tipo II – reto) com divulgação do Rotary Club de Santos, com o logo do Rotary Internacional.

Bibliografia:

1. Leo Landau. **Catálogo de inteiros**. Rio de Janeiro: Filatélica Ariró, pp.52.
2. Catálogo de selos do Brasil 1994 – Volume IV – 1867 a 1993. **Inteiros postais**. São Paulo: RHM, pp.112.

(*) Rogério A. Deditis - deditis.hns@uol.com.br

Capinzal – Santa Catarina

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Capinzal é um Município brasileiro do Estado de Santa Catarina. Localiza-se a uma latitude 27°20'37" sul e a uma longitude 51°36'43" oeste, estando a uma altitude de 480 metros na área central, e chegando a 780 metros nos bairros mais altos.

A história nos conta que nos anos de 1840, Jesuíno de Matos requereu as primeiras terras do Governo Imperial para ser colonizada a área. Essas terras chamavam-se Campo Bonito, que acabaram não sendo colonizadas e foram vendidas para outros colonizadores: João Ferreira da Silva, Barão de Antonina e Manuel Lopes de Abreu.



Mapa com a localização da cidade de Capinzal.

Algumas dessas áreas, hoje, constituem a parte física e geográfica de Capinzal. As terras capinzalenses, antes da ferrovia, se mantinham inexploradas e, apenas, serviam de passagem aos homens do sertão, índios, tropeiros e remanescentes das revoluções Farroupilha (1835-1845) e Federalista (1891-1894). No fim do século XIX, Capinzal não passava de uma extensa fazenda de propriedade de Antônio Lopes de Abreu. Este então, interessou-se em colonizar a área. O povoamento de Capinzal foi iniciado na década de 1890, com elementos lusos penetrando pelas margens do Rio do Peixe.

"Sabemos que, historicamente, os cursos dos rios além de atrair núcleos humanos as suas margens, podem servir como fator de desenvolvimento econômico e social quando vistos, por exemplo, como fonte de energia, como meio de locomoção e transporte, como meio potencial para a irrigação e também como forma de lazer". Conforme narrado no livro "Capinzal, Fronteiras Socioeconômicas: Um diagnóstico municipal", de Holga Maria Siviero Brancher.

No início do século XX, a partir de 1906, descendentes de italianos, vindos do Rio Grande do Sul, passaram a ocupar áreas à margem do Rio do Peixe. Foram os primeiros moradores e colonizadores de Capinzal, dedicando-se à agricultura, pecuária e comércio. Em 1908, chegaram a Capinzal as primeiras famílias: João Vachi, José Blasi, Antônio Freitas, Carmine, José, Paulo e Carmelo Zoccoli e outras.

Nessa época, também, houve o início da colonização das faixas de terras pertencentes à Companhia de Estrada de Ferro São Paulo -Rio Grande do Sul, para onde afluíram os primeiros colonos, na sua maioria descendentes de italianos, provindos do Rio Grande do Sul. Capinzal, chamava-se Rio Capinzal e pertencia ao Município de Campos Novos.

A origem do nome Capinzal, deve-se à existência de grande quantidade de capim paulista, localizado, principalmente, onde hoje é o centro da Cidade.

A linha ferroviária Itararé-Uruguaí, a linha-tronco da RVPSC, teve a sua construção iniciada em 1896 e o seu primeiro trecho aberto em 1900, entre Piraí do Sul e Rebouças, entroncando-se em Ponta Grossa com a E. F. Paraná. Em 1909, já se entroncava em Itararé, seu quilômetro zero, em São Paulo, com o ramal de Itararé, da Sorocabana. Ao sul, atingiu União da Vitória em 1905 e Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, divisa com Santa Catarina, em 1910.

O trabalho na via férrea, no Vale do Rio do Peixe, iniciou no ano de 1908; e a empresa contratada foi a Brazil Railway Company que era comandada por Percival Farquhar; e o engenheiro responsável por essa obra foi Achiles Stenghel. O término do trabalho no Estado de Santa Catarina foi em novembro de 1911.

A escolha do local foi determinada pela facilidade de acesso a água, necessária para as locomotivas da época.

Os trilhos chegaram a Rio Capinzal em 18 de maio de 1910 (José Lona, administrador: Pequenas lembranças do tempo da construção da SP-RG, data ignorada). A estação foi inaugurada em outubro de 1910, com o nome de Rio Capinzal.



Estação ferroviária de Rio Capinzal, anos 1920.

Percebendo a importância da Colônia Capinzal no contexto político e econômico de Campos Novos; os líderes comunitários de Rio Capinzal, incentivam os moradores da localidade para participarem do movimento em prol da elevação de povoado a distrito de Campos Novos.

Os habitantes do agora distrito de Capinzal estavam jubilosos pela nova divisão administrativa municipal alcançada; porque com este novo “status” adviriam melhores condições de negociação no campo político; como ocorreu com as tratativas para a construção da ponte pênsil interligando o distrito de Rio Capinzal com o de Abelardo Luz (Ouro).

A partir de 1911, o movimento no terminal ferroviário da Estação Capinzal era intenso e, a cada ano que passava, crescia a procura do transporte ferroviário por ser o meio de locomoção mais rápido na época.

O conflito que ocorreu na região nos anos compreendidos entre 1912 até 1916 e que ficou conhecido como a Guerra do Contestado; não impediu que o distrito de Rio Capinzal prosperasse.

Nesse período é bom apostilar que a Estação Capinzal foi uma das que mais prosperaram na região. Porém, a fiscalização era deficiente, ocasionando prejuízo ao erário público; o governo estadual ciente dessa situação, através do decreto nº 1266 de 05 de setembro de 1919 cria o posto fiscal no Rio Capinzal; importante anotar que esse posto fiscal passa a ser subordinado à Limeira. A partir de então os tributos passam a ser cobrados com mais agilidade e fiscalização, aumentando a arrecadação para o cofre público.

Distrito criado com a denominação de Rio Capinzal, pela lei municipal n. 206, de 18 de novembro de 1914, subordinado ao município de Campos Novos.



Imagem DISTRITO DE RIO CAMPINZAL, em 1928.

O distrito de Rio Capinzal, nos anos de 1914 a 1917, tinha quinze quilômetros de estrada carroçáveis e vinte e sete quilômetros de estrada de ferro; e o restante que havia no interior eram picadas que em dias de chuva ficavam intransitáveis para o tráfego de carroça; e nesses dias chuvosos, o único meio de transporte era a cavalo e em último caso, fazer o trajeto a pé.

A situação era caótica não só no distrito de Rio Capinzal, mas em todo o município de Campos Novos; mediante tal fato o Poder Executivo Municipal de Campos Novos, encaminha relatório ao Governo do Estado de Santa Catarina, cientificando da precária situação em que se encontrava o setor rodoviário municipal.

No tocante ao distrito de Rio Capinzal, o relatório dá conhecimento da construção de pontes sobre o Lajeado Grande e o Rio Agudo, bem como, de construções de pontilhões e ainda esclarece sobre a necessidade de conservação do trecho entre o distrito de Rio Capinzal e a sede do município.

O povoado foi crescendo, vivendo de uma economia baseada na atividade agropastoril e pequenas indústrias que se foram instalando, entre essas: serrarias, frigoríficos, cerâmicas, fábricas de laminados e compensados, fábricas de caixas, fábricas de vinhos, destilaria de licores, fábricas de móveis, fundição de ferro e bronze, fábricas de cerveja, moinhos de trigo, milho, ervateiras...

Localizada no município de Capinzal, no dia 25 de janeiro, dia em que celebra seu padroeiro, a Paróquia São Paulo Apóstolo celebra sua fundação.

O decreto foi assinado por Dom Daniel Hostin, bispo de Lages, no ano de 1931, desmembrando a Paróquia de Campos Novos e Joaçaba. Seu primeiro vigário foi o Padre Pedro Pelosi, substituído mais tarde pelo Padre Mathias Michelizza que, com a ajuda de um grupo de senhoras fundou o Apostolado da Oração no dia 27 de janeiro de 1932. Em 1936 chegaram os freis capuchinhos que desde então trabalham na Paróquia.

Pelo decreto-lei estadual nº 941, de 31 de dezembro de 1943, o distrito de Rio Capinzal passou a denominar-se Capinzal.

Em 1943, tornou-se somente Capinzal e, em 1948, a cidade que cresceu a partir da estação tornou-se Município.



Estação ferroviária de Capinzal, 1967.

Desativada em 1983 juntamente com a linha de passageiros, o prédio da estação abrigava em 2002 uma loja de materiais de construção. Não era mais o prédio original de 1910, que era de madeira; o atual estava bastante descaracterizado. Em 2007, já era uma lanchonete.

Os Correios foram criados quando da inauguração da estrada de ferro. Os primitivos carimbos ainda utilizavam a expressão RIO CAPINZAL.



Carimbo oval da Estação de Rio Capizal - 6 de novembro de 1933.



O mesmo carimbo de Rio Capinzal estava em uso mais de uma década depois, em 14 de novembro de 1944.



Fragmento com carimbo redondo, de 2 de janeiro de 1944.

Elevado à categoria de município com a denominação de Capinzal, pela lei estadual nº 247, de 30-12-1948, desmembrado de Campos Novos. Sede no antigo distrito de Capinzal. Constituído do distrito sede. Instalado em 17 de fevereiro de 1949.

Em fevereiro de 1949, o Governo do Estado de Santa Catarina, nomeia Antônio de Pádua Pereira, para ocupar o cargo de Prefeito Provisório que administraria o novo município de 17.02.1949 a 03.10. a 1949. No dia 14 de setembro teve eleições para Prefeito que sufragou o nome de Silvio Santos. A posse no cargo de Executivo Municipal foi no dia 03.10.1949 com o mandato até 30 de setembro de 1954.



Correspondência de 10 de fevereiro de 1961.

A formação jurídica deu-se a Comarca de Capinzal, criada pela lei nº 1.171 de 10 de dezembro de 1954, tendo sido solenemente instalado em 4 de junho de 1956.

Atualmente, é Comarca de 2ª Instância, com jurisdição sobre os municípios de Ouro, Lacerdópolis, Piratuba, Ipira e a própria sede. O primeiro juiz titular da Comarca foi Gervásio Nunes Pires e o seu primeiro Promotor Público Fitalo Coelho de Sousa.



Correspondência do Poder Judiciário, Comarca de Capinzal, isenta de franquia.

O Correio de Capinzal está situado na rua Professora Wanda Maria Meyer, centro, em Capinzal.



Prédio dos Correios, em Capinzal/SC.

Bibliografia:

BRANCHER, Holga Maria Siviero. “**Capinzal, Fronteiras Socioeconômicas: Um diagnóstico municipal**”. Ed. Paralelo, 1994.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. “**História de Santa Catarina**”. Ed. Lunardelli, 1970.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. “**O Desmoronamento do Mundo Caboclo**”. Ed. FCC, 1986

GUATEMOSIN, Dorvalino. “**Miscelânea Histórica, Postal e Filatélica Nacional**”. Ed. do Autor, 1935.

IBGE. “**Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**”, vol. XXXII, 1959.

MEIRINHO, Jali. “**A República em Santa Catarina**”. Ed. UFSC, 1982.

PIAZZA, Walter Fernando. “**A Colonização de Santa Catarina**”. Ed. BRDE, 1982.

Simbologia das Cores nas Moedas Brasileiras

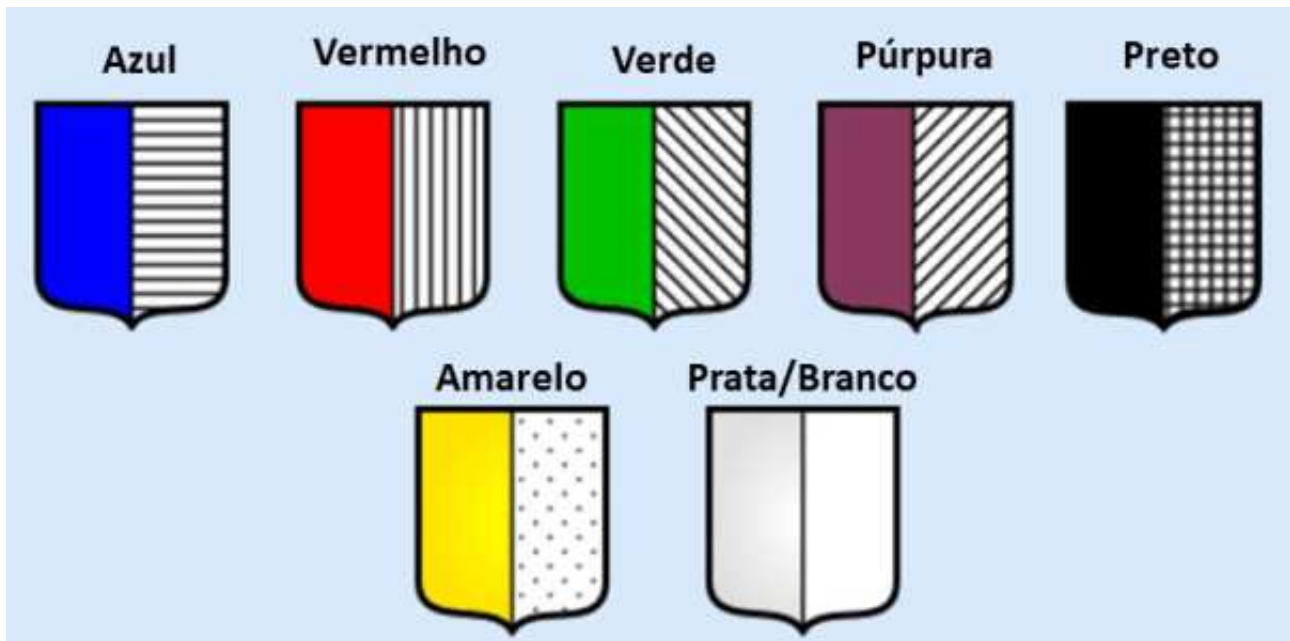
Juliano Natal - Florianópolis, SC (*)

Em muitas moedas brasileiras, cunhadas nos períodos colonial, imperial e no início do regime republicano, foram adotadas simbologias para representar as cores em brasões, bandeiras e outros símbolos nacionais. Para isso, lançavam-se padrões de representação de cores adotados na heráldica, que consiste num sistema de identificação visual e simbolismo criado na Europa no século XII, durante as Cruzadas, baseado nos brasões de armas ou escudos e elmos dos cavaleiros. O termo também designa a arte de elaborar os brasões, sendo considerada por muitos como uma ciência que estuda as regras, formas, tradições, simbolismos e significados históricos, políticos, culturais e sociais ^(1 2).

Na heráldica portuguesa, as cores dos brasões são chamadas, genericamente, de esmaltes e sua representação obedece a determinadas regras e convenções. Dividem-se em cores metálicas (ouro e prata) e cores não metálicas (vermelho, azul, verde, preto e púrpura). Cada cor poderia ser representada, graficamente, em preto e branco, por traços (linhas) e pontos que obedeciam a determinadas convenções ou regras, fundamentais em momentos em que a impressão em cores era de difícil adoção.

As cores existentes nos brasões, escudos e outros elementos dos símbolos representados em superfícies e objetos monocromáticos, seguem os seguintes desenhos / representações gráficas ⁽³⁾:

Cor	Representação	Significado
Amarelo (ouro)	Campo contendo pontos espaçados.	Compreensão, respeito e majestade.
Azul	Campo contendo linhas horizontais.	Céu, felicidade eterna e fidelidade.
Branco (prata)	Deixa-se o campo sem qualquer linha ou ponto.	Clareza, inocência e alegria.
Preto	Campo com linhas horizontais e verticais cruzadas.	Sabedoria, constância, tristeza e prudência.
Púrpura	Campo contendo linhas diagonais altas à direita.	Realeza, soberania, justiça, majestade e temperança.
Verde	Campo com linhas diagonais altas à esquerda.	Abundância, alegria, esperança e lealdade no casamento.
Vermelho	Campo contendo linhas verticais.	É o símbolo do guerreiro, representando poder e força militar. Também está associado a ser um mártir e representa o sacrifício. Representa também a grandeza, coragem e valor.



Assim, por exemplo, no brasão de Portugal, o campo em vermelho e o escudo branco onde estão dispostos os cinco escudetes em azul são, respectivamente, representados numa superfície monocromática com linhas verticais, campo sem qualquer linha ou ponto e linhas horizontais, conforme ilustração que segue:



Na sequência, serão apresentadas as fichas técnicas de algumas moedas da Numismática Brasileira que, em seus cunhos, agregam exemplos do emprego das representações das cores nas moedas(4, 5).

Devido ao desgaste das moedas e a gravações em sutis relevos, em muitos casos, poderão ocorrer dificuldades para se indentificar nas fotos as representações empregadas pelos gravadores dos cunhos. Contudo, com o uso de uma boa lupa em exemplares físicos, a identificação heráldica pode ser facilitada.



12.000 Réis (Dobra de Oito Escudos) - Ficha Técnica:

- * Casa da Moeda: Vila Rica (Minas Gerais);
- * Letra Monetária: M
- * Metal: Ouro, 916,7%;
- * Diâmetro: 36,0 mm;
- * Espessura: 1,8 mm;
- * Anos de Cunhagem: 1727 a 1733;
- * Peso: 28,68 gramas;
- * Borda: Serrilhada;
- * Anverso: Efigie de Dom João V com a legenda latina IONNES V. DG. PORT. ET. ALG. REX (Dom João V, por graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve), data e letra monetária M entre pontos;
- * Reverso: Escudo das armas do Rei encimado com a coroa real. As linhas verticais representam a cor vermelha. Nos 5 escudetes, as linhas horizontais indicam a cor azul e, na área central do escudo, o espaço entre os escudeles com a ausência de pontos ou traços indica a cor branca.



20 Réis (Vintém) - Ficha Técnica:

- * Casa da Moeda: Rio de Janeiro e Bruxelas
- * Letra Monetária: Sem letra monetária
- * Metal: Bronze;
- * Diâmetro: 25,0 mm;
- * Espessura: 1,9 mm;
- * Anos de Cunhagem: 1868, 1869 e 1870;
- * Peso: 7,00 gramas;
- * Borda: Serrilhada;
- * Anverso: Efigie de Dom Pedro II, data entre cruzetas e a inscrição latina PETRUS II. D. G. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. (Pedro II, por graça de Deus, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil)
- * Reverso: Valor monetário e Brasão do Império, podendo ser observadas seções com linhas diagonais que partem do alto à esquerda, indicando a cor verde, anel de 20 estrelas, com fundo contendo linhas horizontais, indicando a cor azul e os vértices da Cruz da Ordem de Cristo com linhas horizontais indicando a cor vermelha.



10.000 Réis - Ficha Técnica:

- * Casa da Moeda: Rio de Janeiro
- * Letra Monetária: Sem letra monetária;
- * Metal: Ouro, 917%;
- * Diâmetro: 22,5 mm;
- * Espessura: 1,6 mm;
- * Peso: 8,96 gramas;
- * Borda: Serrilhada;
- * Anos de Cunhagem: 1889, 1892 a 1904, 1906 a 1909, 1911, 1914 a 1916, 1919, 1921 e 1922. Também foram produzidas moedas em 1890, contudo foi mantida a data de 1889, como uma das formas de intensificar a propagação, para todo o território, do ano de Proclamação da República.
- * Anverso: Busto de mulher, portando o barrete frígio (espécie de touca ou carapuça) que representa a liberdade e a República. Abaixo, no lado direito da figura, encontram-se as iniciais F.C. referentes ao gravador Francisco José Pinto Carneiro. Legenda “REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL”. Data entre estrelas.
- * Reverso: Alegoria traz Armas da República, a valor de 10.000 Réis e acima a legenda “ORDEM E PROGRESSO” entre duas estrelas. No brasão, podem ser notadas a representação da cor amarela com campos contendo pontos, da cor verde com linhas diagonais com a parte alta à esquerda e da cor azul no fundo do anel das 20 estrelas, representada por traços horizontais.



2.000 Réis (Cabeça da República) - Ficha Técnica:

- * Casa da Moeda: Rio de Janeiro
- * Letra Monetária: Sem letra monetária
- * Metal: Prata, 916,6%;
- * Diâmetro: 37,0 mm;
- * Espessura: 2,6 mm;
- * Anos de Cunhagem: 1891, 1896 e 1897;
- * Peso: 25,50 gramas;
- * Borda: Serrilhada;
- * Anverso: Data entre estrelas, Legenda “REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL”, Cabeça de mulher representando o regime republicano.
- * Reverso: Alegoria ao centro, formada por colar com 20 estrelas representando os estados brasileiros, sobre o fundo contendo linhas verticais (cor vermelha) e círculo central, com linhas horizontais (azul) e cinco estrelas centrais que representam a constelação Cruzeiro do Sul, adotada como um dos símbolos da República. Acima, encontra-se a estrela maior que dissipa raios, representando a então capital da nova República, o Rio de Janeiro. A alegoria é contornada por ramos de folhagens (alguns autores mencionam que se referem a ramos de café e tabaco, culturas responsáveis pela riqueza do país). Completa a descrição do Reverso a legenda republicana “ORDEM E PROGRESSO” e o valor DOIS MIL RÉIS, única vez na numismática brasileira em que uma moeda apresenta o valor monetário por extenso;

Bibliografia:

<https://ontranslation.es/escudos-heraldicos/>

<https://www.simbolos.net.br/heraldica/>

Schwarcz, Lilian Moritz. **As Barbas do Imperador, 2ª Edição**. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial, 4ª edição**. MBA Editores, 2016.

Gallas, Fernanda D. e Gallas, Alfredo O.G. **As Moedas Contam a História do Brasil**, Editora Magma Cultura, Rio de Janeiro, 2007.

(*) Juliano Natal
e-mail: juliano_natal@yahoo.com

Entrevista Arno Eberhard Märtin

Peter Johann Bürger e Renato Mauro Schramm - Florianópolis, SC

Arno Eberhard Märtin, entrevistado nesta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica, nasceu em Barra do Ribeiro, na época, distrito de Guaíba, RS, em 3 de abril de 1937. Técnico em Contabilidade, reside em Blumenau. Coleciona selos desde seus 12 anos. Dedicou-se a várias coleções tradicionais. Atualmente, aos 86 anos, é considerado personalidade no meio filatélico. É premiado e reconhecido como um dos pioneiros da filatelia de Santa Catarina. Foi, em várias gestões, Presidente do Clube Filatélico de Blumenau e da FEFINUSC, Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina. Em sua gestão, foi realizado em 1969 em Itajaí, o primeiro Encontro Filatélico de Santa Catarina. Honra nosso estado como correspondente no Brasil do Catálogo Michel, da Alemanha. Muito ativo, participou de 18 exposições filatélicas, estaduais e nacionais, no Brasil, como BRAPEX, LUBRAPEX e BRASILIANA e em Portugal. Foi comissário da BRAPEX, em Belo Horizonte, em 1985. Atualmente, dedica-se à filatelia temática, colecionando selos mundiais, com ênfase nas colônias europeias da África.



Fomos recebidos gentilmente pelo senhor Arno Eberhard Märtin para esta entrevista para o Boletim Santa Catarina Filatélica, que nos propiciou valiosas informações e registros do seu vasto conhecimento e rica trajetória na filatelia. Acompanhou a entrevista o Dr. Renato Mauro Schramm. Nossos agradecimentos pela disponibilidade e atenção dispensada.

Santa Catarina Filatélica - Onde o senhor nasceu? Em que data? Qual é a sua formação?

Arno Eberhard Märtin - Nasci em Barra do Ribeiro, hoje município, na época, distrito do município de Guaíba, RS, próximo a Porto Alegre, em 3 de abril de 1937. Vim para Blumenau em meados de 1939. Tenho curso Técnico em Contabilidade.

SCF – Qual é a sua história com os selos?

AEM - Cursei o Colégio Estadual Pedro II, de 1949 a 1952. Por volta do ano de 1950, vi que colegas de classe, vez por outra, levavam selos para mostrar ou trocar. Posso afirmar que aí fui “mordido pelo bichinho”, também. Além disso, meus pais recebiam, naquela época, esporadicamente, cartas da minha avó da Alemanha. Recebiam também cartas de uma família conhecida, de Assunção, no Paraguai, com quem eles tinham vindo de navio para o Brasil. Aí comecei a recortar e descolar os selos das cartas. Os selos em duplicata, eu trocava. Esse foi o princípio da minha história com os selos. No começo, eu não tinha conhecimento nenhum, então guardava os selos de uma maneira muito rudimentar. Parece piada, mas eu guardava meus selos em caixas de fósforos.

SCF - Como descobriu e teve gosto pela filatelia?

AEM – Justamente, à medida em que fui conseguindo mais selos, mais aumentava o meu gosto pela filatelia. Sempre tive muita vontade de conhecer coisas. Gostava, já naquela época, da leitura, porque tinha pela geografia e pela história um verdadeiro fascínio, uma obsessão. O selo, afinal, resume a geografia e a história de um país. Em 1961, eu me casei e fui morar defronte à casa de um amigo meu, do tempo do Colégio Estadual Pedro II, professor Wilson Alves Pessoa, manezinho autêntico da Ilha de Florianópolis. Ele já colecionava selos e, por seu intermédio, fui apresentado ao Clube Filatélico de Blumenau, em 1962.

SCF - Nessa época, como era a filatelia?

AEM - Naquela época a filatelia era basicamente tradicional, porque a temática, na verdade, se desenvolveu alguns anos depois. Colecionavam-se Brasil e outros países.

SCF -O senhor fez muitos amigos na filatelia?

AEM - Sim, fiz muitos amigos. As reuniões aconteciam no Teatro Carlos Gomes e a frequência era de 15 a 25 colecionadores por reunião, aos sábados à tarde. Fui, em 1969, pela primeira vez eleito Presidente do Clube Filatélico de Blumenau e, então, começou o movimento dos Encontros Catarinenses.

SCF - Qual a ligação entre valor monetário e valor afetivo no colecionismo?

AEM - Acho que, inicialmente, todos colecionam pelo fator afetivo e, com o passar do tempo, quando o colecionador chega ao ponto em que, para completar certas lacunas de sua coleção, tem de investir alguma coisa, ele começa a pensar no valor monetário das peças. Se ele investe, é natural que, mais tarde, pretenda ter um retorno sobre isso.

SCF - Qual sua fonte de pesquisa sobre selos?

AEM - Sempre pesquisei catálogos. Tive acesso ao catálogo Yvert et Tellier, que o Clube Filatélico de Blumenau sempre procurava manter atualizado. Por intermédio do ex-colega que muito me incentivou no colecionismo, Jürgen Otto Berner, conheci também o catálogo Michel.

SCF - Por que o hobby do colecionismo mobiliza as pessoas?

AEM - Para quem anseia por conhecimento, a filatelia é um dos grandes caminhos, porque, afinal, ela retrata a história e a geografia de uma país. A filatelia é muito interessante por educar e instruir. Esses dois fatores são essenciais. Mas o colecionismo não se restringe à filatelia. O colecionismo é uma área muito abrangente. Coleciona-se tudo o que é possível, cartões-postais, objetos de arte, cédulas e moedas e muito mais. Na feira de colecionismo de Milão, na Itália, que, na década de 1990, ocupava duas quadras inteiras com galerias, encontrava-se de tudo, desde imagens e livros de santos. O que se possa imaginar existia lá. Impressionante. Fui três vezes à feira. A quantidade de colecionáveis foi diminuindo gradativamente, até se resumir a cartões-postais, moedas e outros poucos colecionáveis, com pouquíssimos estandes de selos. A filatelia foi perdendo espaço e, hoje, há poucos comerciantes de selos e acessórios.

SCF – Quando foi a criação do Clube Filatélico de Blumenau? Como começaram os Encontros Filatélicos em SC?

AEM – O Clube Filatélico de Blumenau foi fundado em 6 de fevereiro de 1938. Eu ingressei em 1962 e, em 1969, fui eleito presidente do clube. O interesse era tal que cada associado sabia o que os demais tinham e, assim, as trocas eram difíceis. Então houve a sugestão de programarmos nossas reuniões em outros pontos do Estado. Em agosto de 1969, os colecionadores Jürgen Otto Berner e Hermann Würtz entraram em contato com pessoas de Itajaí e de Brusque para fazermos um encontro em Itajaí. De Blumenau, fomos eu, Jürgen Otto Berner, Hermann Würtz e Carl Heinz Rothbarth. Em Itajaí, encontramos Camilo Nicolau Mussi, como anfitrião, Adolfo Walendowski de Itajaí, Ayres Gevaerd e Oscar Gustavo Krieger de Brusque. Mais algumas pessoas de Itajaí. No total, éramos treze filatelistas. Isso foi o início dos Encontros Catarinenses de Filatelia. Imediatamente, foi marcado um segundo Encontro para outubro do mesmo ano, em Blumenau, que teve adesão bem mais expressiva. A partir daí, Encontros regulares se sucederem nas cidades de Blumenau, Brusque, Joinville, Itajaí e, mais tarde, Florianópolis, Timbó e outras. Hoje, alguns desses Encontros tornaram-se nacionais.

SCF - Na sua opinião, o que a filatelia tem de melhor?

AEM – Gostaria de destacar o seu aspecto cultural.

SCF - Seus interesses são coleções tradicionais ou coleções temáticas?

AEM - Eu comecei com coleções tradicionais, colecionei vários países. Na época, mantinha correspondência bastante grande com pessoas de vários países e colecionava tudo o que aparecia. Sobre coleções temáticas, colecionei durante algum tempo borboletas. Essa coleção eu vendi para um amigo que já colecionava esse tema. Colecionei também o tema Europa. Na época, eram doze países que formaram o primeiro grupo de países da União Europeia. Mas minha predileção sempre foi por coleções tradicionais.

SCF - Em sua opinião a filatelia, além de hobby, permite angariar conhecimentos sobre áreas temáticas?

AEM – Sim, claro. São áreas muito extensas. Hoje, montar uma coleção temática que possa ser competitiva em exposições requer muita pesquisa e estudo, que não se restringem às emissões atuais.

SCF - Alguma razão especial para o seu interesse por selos clássicos?

AEM - Sempre gostei de histórias antigas, sobre a evolução da humanidade. Os selos clássicos sempre me fascinaram. Além disso, quando eu entrei na filatelia, só se colecionavam selos clássicos.

SCF - Como adquire suas peças filatélicas? Mediante troca ou compra de comerciantes?

AEM – Muito material eu consigo mediante troca. Como eu mantinha uma vasta correspondência, colecionava Alemanha Ocidental e Berlim, além de Holanda e Suíça, durante algum tempo. Também tive contatos com Cuba e Argentina. Quanto ao Brasil, sempre dei preferência a trocas. Para preencher as lacunas naturalmente eu tinha de recorrer a comerciantes. Até os anos 80, tínhamos apenas um comerciante filatélico, o Senhor Rudolf Tallert, da Associação Brasileira dos Comerciantes Filatélicos de São Paulo, que costumava vir aos nossos encontros. As trocas eram feitas entre todos os participantes. Naquela época, nós chegávamos a ter entre cem e cento e vinte filatelistas nos encontros, que aconteciam sempre aos domingos.

SCF - O que acha das emissões filatélicas de hoje? E dos lançamentos dos selos personalizados?

AEM - Acho que as nossas emissões filatélicas, nos últimos anos, deixaram a desejar, começando pela própria apresentação. A última emissão que realmente me desagradou foi a dos Faróis Brasileiros, pois as imagens parecem borradas. Não há nitidez. Assim vem acontecendo em emissões recentes. Os blocos, na minha opinião, não apresentam nada de especial. O Brasil tem rica fauna e rica flora, entre as mais exuberantes do mundo. Onde estão essas maravilhas nos nossos selos? Vemos no catálogo Michel e no boletim Rundschau as emissões de outros países da América do Sul. Na Bolívia, Peru e Argentina, encontramos selos maravilhosos sobre fauna e flora. E o Brasil fica naquele marasmo. Eu não sei o que pensam os responsáveis pela elaboração do programa filatélico brasileiro. Quanto aos selos personalizados, eu próprio mandei fazer muitas emissões, aproveitando várias paisagens de Blumenau, incentivado pelo comerciante Eduardo Schmitt, de Florianópolis, que editava cartões-postais. Atualmente, não estou acompanhando a evolução disso, pois me limito às emissões oficiais dos Correios, as que têm edital de lançamento.

SCF - Qual o futuro dos chamados cripto selos, cujas emissões iniciaram-se em 2019, pelos Correios da Áustria?

AEM – Até concordo que haja essa nova modalidade, o cripto selo, mas não nos elevados valores nos quais são emitidos. A Áustria fez a emissão de um cripto selo no valor de 1.000 Euros, com a tiragem de 999 exemplares. Também acompanhei as emissões de outros países, como a Suíça. Acredito que outros países também vão aderir a essas emissões. Esses altos valores faciais e a obrigatoriedade de aquisição antecipada, a meu ver, limita o acesso a colecionadores, privilegiando comerciantes. Na minha opinião, nesses casos, os crypto selos caros deveriam ser condenados pela FIP (Federação Internacional de Filatelia).

SCF – Que países se destacam na filatelia, considerando-se a qualidade dos selos e temas?

AEM - Entre os países que conheço, merece destaque a Áustria, que tem emissões maravilhosas e temas interessantes. Além da Áustria, cito apenas os selos emitidos pela Alemanha e, pelo que vejo no boletim Rundschau da Michel, há muitos países pelo mundo afora fazendo bonitas emissões, porém em quantidades abusivas. Há países da África que emitem 500 a 600 selos por ano. Países que já ultrapassaram em muito os 10 mil selos emitidos, como exemplo a Guiné Equatorial. Outros países são ainda muito conservadores como os cinco países nórdicos, além da Islândia e da Suíça. A própria Inglaterra já partiu para as múltiplas emissões de selos ordinários com variações de picotes e cortes da margem. Isso dificulta o trabalho do colecionador para completar um período ou uma emissão.

SCF - No atual contexto, os Correios têm acompanhado a filatelia mundial em termos de qualidade nas emissões?

AEM - Acho que acompanhar emissões de alguns países, sim. Porém, o Brasil não se destaca nesse particular. Nossas emissões não estão correspondendo, em parte, às expectativas dos colecionadores. Destaco as nossas emissões dos anos de 1970 até 1975, com selos muito bem-feitos, muito bonitos e temáticos. Naquela época, as emissões eram bastante reduzidas, que rapidamente se esgotavam nos Correios.

SCF - Que sugestões daria aos Correios para fomentar a Filatelia nacional?

AEM - Emitir mais selos da nossa fauna e flora e do nosso patrimônio histórico. O Brasil tem se mostrado muito coerente, não fazendo emissões em valores abusivos. Mas é necessário incentivar a nossa juventude que, lamentavelmente, não se interessa mais pela Filatelia.

SCF - Nesses anos, o senhor participou de exposições filatélicas?

AEM - Participei de 18 exposições filatélicas, desde 1974, em São Paulo, que visitei, até a FLORIPA 2008. Participei da BRAPEX, LUBRAPEX (uma, inclusive, em Portugal) e BRASILIANA. Fui comissário, em Belo Horizonte, da BRAPEX de 1985.

Em Blumenau, o ponto culminante na filatelia foi a realização da BRAPEX V, de 17 a 25 de abril de 1982. Esse evento foi um sucesso nacional. Na ocasião, eu era presidente da FEFINUSC. Lamentavelmente, dos muitos colaboradores desse acontecimento memorável, poucos ainda estão entre nós. Cumpre-me mencionar os colecionadores Dr. Renato Mauro Schramm, Renato Henschel e Waldemar Gebauer. Este último, jurado observador.

SCF - Os Encontros de Colecionadores organizados em Santa Catarina atendem às expectativas?

AEM – Sim, atendem. Principalmente, no início, os encontros de colecionadores organizados em Santa Catarina atendiam muito bem às expectativas, porque tínhamos contato com colecionadores de Santa Catarina, do Paraná e do Rio Grande do Sul, através dos quais conseguíamos fechar muitas lacunas nas coleções de selos. Hoje em dia, os encontros são em mais de 80% de numismática. A filatelia está perdendo terreno, com redução do número de colecionadores e poucos comerciantes de selos.

SCF - O que na sua opinião a filatelia tem de melhor?

AEM – A filatelia é um caminho de instrução, de aplicação de conhecimentos, sobre uma pessoa, um tema, um país.

SCF - Que conselhos o senhor daria a um iniciante na filatelia?

AEM - O iniciante na filatelia deve juntar tudo o que aparece. Com o tempo, ele vai ver o que mais lhe interessa para, depois, concentrar seus esforços em determinados temas ou países. Foi assim que eu comecei.

SCF - O senhor poderia comentar sobre sua coleção de selos da Estrada de Ferro de Santa Catarina?

AEM – Comecei essa coleção em meados dos anos 1990. Uma coleção de Blumenau na Filatelia, naturalmente incluindo peças sobre a Estrada de Ferro Santa Catarina. Essa estrada foi construída no início do século XX. Na época, de 1900 até 1930, o município de Blumenau tinha uma extensão de mais de 10.000 km². Vinha desde a divisa de Itajaí até Curitiba e Lages. Tudo isso era o grande município de Blumenau. A Estrada de Ferro começou suas atividades em 1909, após a construção do primeiro trecho, ligando Blumenau à localidade de Warnow, em Indaial.

Essa coleção foi exposta na Floripa 2008, com a premiação de Medalha de Prata. Anos depois, foi vendida ao colecionador Sérgio Laux, de Florianópolis. Trata-se de uma coleção bastante adiantada, com peças interessantes, como diferentes carimbos das estações da Estrada de Ferro, carimbos da parte fluvial, das Companhias Malburg e Asseburg, além de carimbos próprios de Gaspar e Itajaí.

SCF. Como foi sua aproximação com o grupo do Catálogo Michel da Alemanha?

AEM - Por intermédio do meu amigo Jürgen Otto Berner, eu me tornei, em meados de 1970, sócio da Arge BRASILIEN, na época dirigida por Karlheinz Wittig, com quem estive por duas vezes em visita a Blumenau. Durante vários anos fui sócio da Arge BRASILIEN e o Berner, na ocasião, já era correspondente do MICHEL para as emissões do Brasil.

Com o seu repentino falecimento, em 02 de abril de 1985, comuniquei o fato à Arge BRASILIEN e ao Michel, perguntando se aceitariam que eu continuasse a fornecer as emissões do Brasil. Eles prontamente aceitaram. Isso foi em maio de 1985. Então, desde 1985, forneço as emissões do Brasil para o catálogo Michel. Recebo o valor dos selos e do porte da carta transformado em créditos numa conta corrente. Recebo, sem custos, o boletim Rundschau e a edição de catálogos América do Sul, incluindo o Brasil.

SCF – Qual o seu interesse atual em colecionar?

AEM - Grande parte das minhas coleções eu vendi, há alguns anos. Achei que seria hora de me desfazer delas, pois não tinha para quem deixar. Depois disso, comecei uma coleção histórica e geográfica de selos do mundo. Para cada país, um ou dois ou três selos, um da parte bem antiga, um mais atualizado, não só dos países filiados à ONU e à UPU (União Postal Universal), mas também daqueles com emissões anteriores a essas organizações. A região mais interessante é a África, que foi quase totalmente colônia de países da Europa, como: Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Bélgica. A Alemanha possuía, até fins de 1918, quatro colônias: Togo, Camerão, o Sudoeste Africano Alemão (Deutsch-Südwestafrika), hoje Namíbia, e a África Oriental Alemã (Deutsch-Ostafrika), hoje Tanzânia, Burundi e Ruanda. A Holanda possuía parte da África do Sul, que perdeu para a Inglaterra, na guerra, por volta de 1900. O mesmo ocorreu com diversos países na Ásia, na Oceania e nas Ilhas da América Central. Há ilhas, atualmente, que ainda fazem parte do Commonwealth. Na América do Sul havia três colônias, a Guiana Inglesa, hoje, Guiana, a Guiana Holandesa, hoje Suriname e ainda a Guiana Francesa, que permanece como território francês, tendo inclusive o Euro como moeda corrente.

SCF - Qual é a mensagem que o senhor gostaria de deixar?

AEM – Para os filatelistas a minha mensagem é: sigam e continuem colecionando. A Filatelia é um excelente hobby.



POSTMIX
Gráfica Offset & Digital

Coleções e colecionadores

José Carlos Daltozo - Martinópolis, SP (*)

Como surgiram as coleções. Os reis e imperadores, desde a Antiguidade, colecionavam tudo o que achavam belo, a exemplo das esculturas gregas. Na Idade Média, continuaram a colecionar, além de esculturas, também pinturas, com seus próprios retratos, de seus familiares, cenas campestres, cenas do cotidiano das cidades. Essas pinturas e esculturas formaram os acervos dos grandes museus da atualidade, como o Museu do Louvre, em Paris, o do Prado, em Madri, o do Vaticano e centenas de outros. Os museus nada mais são que antigas coleções de reis e imperadores, ou de um milionário que amava as artes. O ser humano sempre gostou de colecionar objetos que tivessem um significado específico. As coleções são importantes para a pesquisa histórica e a difusão cultural, entre outros fatores.

Selos, cédulas, moedas e postais. Entre as coleções mais comuns existentes no mundo, selos, moedas e cédulas se destacam. Nas coleções, podemos tomar conhecimento de usos e costumes de povos e países. Também, há os colecionadores de cartões-postais, como é meu caso. Coleciono desde 1988 e tenho, atualmente, mais de 240.000 exemplares no acervo, do mundo inteiro e de diferentes épocas. Há quem coleccione garrafas de uísques, conchas marinhas, isqueiros, canetas, discos, filmes, revistas, livros raros, pinturas, esculturas e uma infinidade de itens.

A história dos cartões-postais. O cartão-postal surgiu em 1869, idealizado pelo professor Emmanuel Hermann, na Áustria, como um meio de enviar notícias a descoberto, pagando metade do valor de uma carta comum. Logo a ideia se espalhou por outros países. Aqui, no Brasil, foi implantado em 1880 e, no início, era monopólio do Correio. Tratava-se de uma simples cartolina com o nome de Bilhete Postal, na frente apenas o selo impresso e espaço para o nome e endereço do destinatário. No verso, espaço em branco para uma mensagem curta.

Os cartões-postais não traziam gravuras nem fotografias, mas depois de alguns anos, com sua crescente popularização, deixaram de ser monopólio do Correio e qualquer gráfica poderia produzi-los. Eles passaram a apresentar fotografias em preto e branco, o sistema colorido era muito caro. Como as revistas e jornais da época quase não tinham fotografias, e não havia televisão, os postais eram

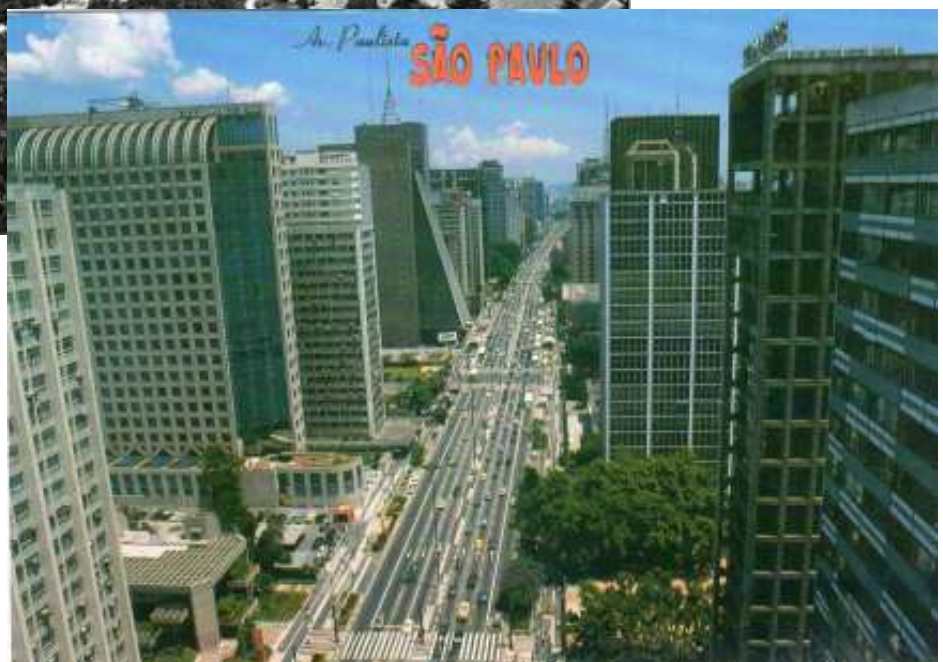
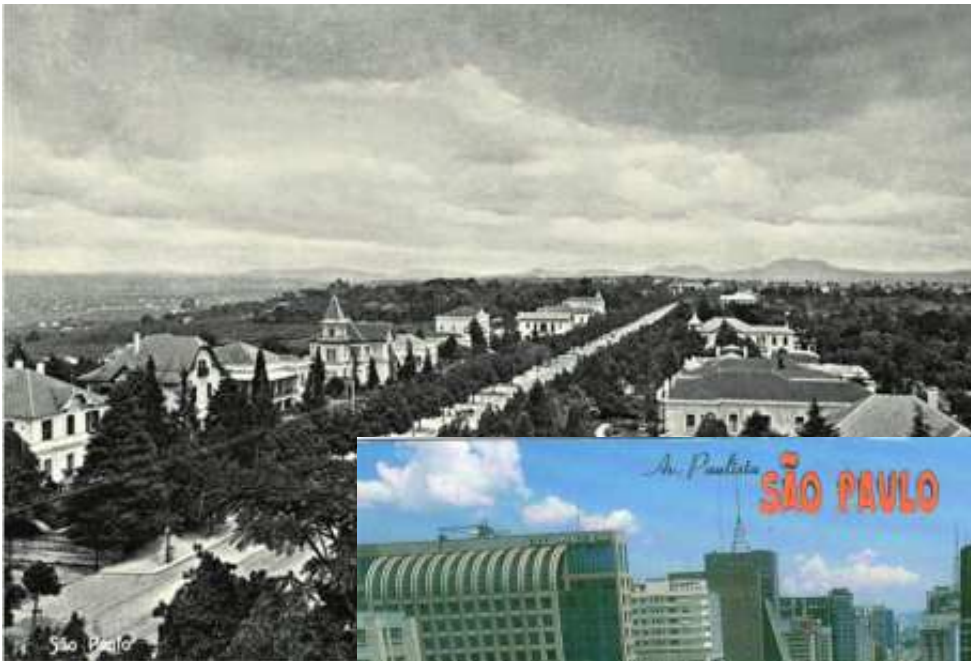


uma maneira barata das famílias possuírem fotografias das cidades que visitavam. Lembrando que poucos possuíam máquinas fotográficas, os filmes e a revelação eram muito dispendiosos, muito diferente dos dias atuais, com os celulares tirando boas fotos digitais pelo mundo afora.



As famílias costumavam ter seus álbuns de postais que, além de cidades, paisagens e edifícios, mostravam até acidentes de trânsito, incêndios, enchentes, terremotos, vulcões, eventos esportivos e muitos outros temas. Hoje, os cartões-postais são eminentemente turísticos, mostrando as belezas de uma região, embora alguns mostrem aspectos típicos dos países, como danças, comidas e bebidas, lugares sagrados etc.

Há, ainda, os postais publicitários de restaurantes, lojas, shoppings e produtos diversos. É interessante comparar um postal antigo de um determinado local com uma foto recente do mesmo lugar. Por exemplo, um postal de uma das principais avenidas de São Paulo, a Avenida Paulista, no ano de 1910, mostra os grandes casarões dos barões do café e o trânsito praticamente inexistente. Um postal atual da mesma avenida mostrará uma floresta de edifícios e o trânsito caótico em alguns horários do dia.



O cartão-postal é cultura, pois ao recebermos um exemplar de Anchorage, no Alasca, podemos pegar o Atlas ou pesquisar na Internet onde fica tal cidade, como é aquela região do país, para entender melhor como vive o seu povo e a sua cultura. O mesmo acontece com um postal da Tailândia, da Rússia, da África do Sul, do Marrocos, de Roma, Lisboa ou Paris.

Obstinado, mas não obsessivo. Para conseguir os selos, moedas ou postais que faltam em nossas coleções, assim como em tudo na vida, temos que ser obstinados, mas não obsessivos. Procurar com afinco, mas não fazer disso o objetivo único da existência, nem gastar valores que farão falta em outros compromissos da família.

Acredito que existam mais de mil colecionadores de cartões-postais no Brasil. A maioria de tema geral do mundo inteiro, como é meu caso. Podem ser vistas de cidades, praias, igrejas, montanhas, cachoeiras, prédios históricos, museus etc. Mas, há os colecionadores que só guardam postais de temas específicos, como os aficionados pelos temas aviões, navios, trens e igrejas. Alguns, só colecionam postais do Brasil, outros do Brasil e do Exterior. Entre os colecionadores há, também, alguns com gostos exóticos, que não gostam de vistas noturnas, outros não gostam de postais com fotos na vertical, outros não querem postais com margens brancas junto à foto. Enfim, cada um com determinada mania.



Meu acervo cresceu muito nesses trinta e cinco anos de colecionismo, porque comprei coleções de desistentes, também muitos lotes em leilões na Internet, recebi muitas doações e faço intercâmbio com dezenas de colecionadores.

Entre os colecionadores há muitos profissionais liberais (médicos, advogados, engenheiros), creio que seja uma forma de combater o stress da vida moderna. Colecionar é uma eterna fonte de prazer.

O postal também pode ser objeto de estudos em escolas e faculdades, principalmente os postais antigos, da era de ouro da cartofilia, entre os anos de 1900 e 1930. Neles, podemos observar como as cidades se desenvolveram, até mesmo a qualidade da reprodução fotográfica, além de aspectos sociológicos, como era o trabalho de antigamente, os veículos, as vestimentas, o modo de vida de povos e países.

(*) José Carlos Daltozo, jornalista e historiador, com 17 livros publicados, inclusive um sobre cartões-postais, denominado “Cartão-postal, arte e magia” que pode ser lido em PDF no site da AFSC.

Caixa Postal 117 – 19500-000 – Martinópolis – SP



Pires Filatelia

Selos para coleções
Selos temáticos
História postal
Variedades, provas
Muito mais

E-mail: lpneto56@gmail.com Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO) 

As primeiras Cédulas da República (1890-1900)

Marcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)



Figura 1 – Detalhe do anverso da cédula de 20 mil-réis (1890-1907) da 8ª Estampa do Tesouro Nacional (P.40; R111), impressas pela *American Bank Note Company* (ABNCo.). Trata-se da vinheta que veio a substituir a efigie de Dom Pedro II, por ocasião da mudança do Regime Imperial para o Republicano. No medalhão, temos *catadoras de grãos de café*.¹

Introdução

Na ocasião da Proclamação da República, em 1889, adotou-se como Bandeira Nacional uma cópia da bandeira dos Estados Unidos, com as cores substituídas pelo verde e amarelo nas faixas e pelo azul e branco, em um campo azul com estrelas brancas.

O desenho não agradou ninguém e, após quatro dias, a bandeira foi substituída por uma nova, inspirada na Bandeira Imperial, que com pequenas modificações persiste até hoje.

Assim, estampou-se na bandeira de Debret, em um círculo, as palavras de Auguste Comte “Ordem e Progresso” e se fez a República.²

O imediatismo da frase acima reflete o que se passou nesse período de transição entre o Império e a República em que, sem maiores mudanças na situação socioeconômica do país, mudou-se apenas a roupagem do sistema.

O Meio Circulante da época seguiu essa tendência de mudanças, substituindo os símbolos imperiais pelos republicanos. Porém, vinte estampas do Império ainda permaneceriam circulando após a Proclamação da República, sendo que a última a sair de circulação foi a cédula de 10 mil-réis (1888-1922) da 8ª Estampa do Tesouro Nacional (P.A262; R041), justamente nas comemorações do Centenário da Independência.

¹ Não localizamos o nome “*oficial*” da vinheta dado pela ABNCo e nem mesmo sua possível utilização em outros trabalhos da empresa.

² *Jean-Baptista Debret* (1768-1848) pintor, litógrafo e desenhista francês, integrante da Missão Artística Francesa de 1817. É de sua autoria a bandeira imperial que serviu para a elaboração da bandeira nacional em que foi substituído o Brasão Imperial por um círculo com uma faixa branca com a inscrição “*Ordem e Progresso*” de autoria de *Auguste Comte* (1798-1857), filósofo francês criador da corrente filosófica do positivismo. A frase original de Comte é: “*O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*”.

³ Frase nossa.

Como já tivemos a oportunidade de abordar, em 1869 a *American Bank Note Company* (ABNCo.) começou a imprimir cédulas para o Brasil e, a partir de 1870, se tornou fornecedora exclusiva, até 1900.⁴

As cédulas que passaremos a analisar, ou seja, as primeiras cédulas da República até o ano de 1900, foram todas impressas pela *American Bank Note Company* (ABNCo.) que se encontrava no auge de seus negócios. Ela imprimia cédulas e outros papéis de segurança para boa parte do mundo e para todos os países da América do Sul.

Aqui, trataremos apenas das cédulas do Tesouro Nacional e deixaremos de lado os bilhetes emitidos pelos bancos particulares no período da *pluralidade bancária emissora* (1888-1892).⁵

Emissão de 1890/1891 – Estampas aproveitadas do Império



Figura 2 – Anverso da cédula de 1 mil-réis (1891-1920) da 7ª Estampa do Tesouro Nacional, (P.3; R074s) impressa pela ABNCo. A alegoria do Comércio substituiu a efigie do Imperador D. Pedro II. (veja o anexo nº 4)

As emissões da República tiveram início em 1890. Imaginamos que, por falta de tempo para se preparar novas estampas, resolveu-se aproveitar os motivos já existentes em cinco cédulas do Império e fazer a substituição da efigie do Imperador D. Pedro II por motivos republicanos. Foram utilizadas vinhetas pré-existentes no acervo da ABNCo.

⁴ Antes da *American Bank Note Company* (ABNCo.), a empresa inglesa *Perkins Bacon & Petch* (PB&P) e seus sucessores imprimiram as cédulas do Tesouro Nacional (Imperial) com exclusividade, de 1835 a 1869. As últimas cédulas dessa empresa foram desmonetizadas em 1885. Sobre esse assunto pode ser consultada nossa matéria intitulada: *A Perkins Bacon & Petch (PB&P) e as cédulas impressas para o Tesouro Nacional (1835-1870)*. Boletim da AFSC – Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, nº 73, agosto de 2018, p.4-27.

⁵ Sobre o assunto pode ser consultada nossa matéria intitulada: *“Do Banco dos Estados Unidos do Brasil ao Banco do Brasil (1890-1905)*. Boletim da AFSC – Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, nº 75, agosto de 2020, p.4-25.

1 – Estampas aproveitadas do Império (1890/1891)

R081 ⁶ – 2\$000 réis	8 ^a Estampa	1890-1920	11 ^a a 140 ^a	13 000 000	7 300 000
R089 – 5\$000 réis	9 ^a Estampa	1890-1920	21 ^a a 90 ^a	9 000 000	Não apurada
R101 – 10\$000 réis	8 ^a Estampa	1890-1922	37 ^a a 100 ^a	10 000 000	Não apurada
R111 – 20\$000 réis	8 ^a Estampa	1890-1907	17 ^a a 36 ^a	3 600 000	Não apurada
R074 – 1\$000 réis	7 ^a Estampa	1891 ⁷ -1920	11 ^a a 273 ^a	27 300 000	20 000 000 ⁸

Comparação das Estampas do Império e da República (substituição da efigie do Imperador).



Figura 3 – 2\$000 réis 8^a Estampa – D. Pedro II (P.A260; R024 – 1889 – 1920) e a alegoria da *Liberdade e Justiça* (P.10; R081 – 1890-1920). A efigie de D. Pedro II é a do tipo 3, empregada pela primeira vez em 1878.



Figura 4 – 5\$000 réis 9^a Estampa – D. Pedro II (P.A254; R033 – 1888-1920) e alegoria intitulada “Aloft” (P.18; R089), “No alto” (trata-se de um marinheiro que está no posto de observação na parte superior do navio, no alto da gávea). A efigie de D. Pedro II é a do tipo 4, empregada, pela primeira vez, em 1879.

⁶ Temos, na sequência, a **catalogação das cédulas no catálogo brasileiro, o valor, a estampa, o período de circulação, as séries, a quantidade em relação às séries e a quantidade comprovadamente colocada em circulação.**

⁷ A data de 1891 foi encontrada em Trigueiros e Cleber Gonçalves. Segundo *Ricardo Magan*, a data de impressão do primeiro lote é de junho de 1890. As cédulas de 2, 5 e 20 mil-réis são de março de 1890 e a de 10 mil-réis de abril daquele mesmo ano.

⁸ Em *Cleber Baptista Gonçalves*, ele relaciona as quantidades emitidas e informa que foram emitidas 21 milhões de cédulas de 1 mil-réis da 7^a estampa, incluindo as do Império (10 séries, ou seja, 1 milhão de cédulas) e as da República, 20 milhões de cédulas.



Figura 5 – 10\$000 réis 8ª Estampa – D. Pedro II (P.262; R041 – 1888 – 1922) e alegoria simbolizando a nascente indústria têxtil (fiandeira com roca e fuso e ao fundo chaminés) (P.30; R101). As estampas estão entre dois grifos. A efigie de D. Pedro II é a do tipo 4, empregada pela primeira vez em 1879.



Figura 6 – 20\$000 réis 8ª Estampa – D. Pedro II (P.A263; R049 – 1888 – 1907) e alegoria da colheita de café (*catadoras de grãos de café*) (P.40; R111 – 1890 – 1907). As estampas estão entre dois grifos. A efigie de D. Pedro II é a do tipo 3, empregada pela primeira vez em 1878.



Figura 7 – 1\$000 réis 7ª Estampa – D. Pedro II (P.A255; R016 – 1889 – 1920) e alegoria do Comércio (P.3; R074 – 1891 – 1920) A efigie de D. Pedro II é a do tipo 3, empregada pela primeira vez em 1878.

Em todas essas cédulas que tratamos aqui, o nome do Brasil vem grafado com “Z”. As cédulas do Tesouro Nacional, desde as cédulas para o recolhimento da moeda de cobre nas Províncias do Império em 1833 até as cédulas impressas pela ABNCo., em 1882, o nome do Brasil vinha com a grafia correta, ou seja, com “S”.

Apartir de 1883, ainda no Império, o nome do Brasil nas cédulas passa a ser escrito com “Z”, o que vai permanecer até os anos 30 do Século XX. As únicas exceções foram as cédulas impressas pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro nos anos 20 do Século XX.

Emissões de 1892 – Primeiras Estampas próprias da República



Figura 8 – Anverso da cédula de 100 mil-réis (1892-1901) da 6ª Estampa do Tesouro Nacional (P.60; R131), *specimen*, impressa pela ABNCo. No centro Alegoria da República (mulher com barrete frígio – Alegoria da República). À esquerda, temos um trecho da Rua 1º de Março, com a Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo em face da Praça XV de Novembro e bondes. Gravura da ABNCo. baseada em fotografia de Marc Ferrez. À direita, comboio de navios, transição da vela para o vapor.

No reverso da cédula de 100 mil-réis temos a Batalha dos Guararapes, pintura do **Victor Meirelles**,⁹ realizada entre 1875 e 1879, que se encontra no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

2 – Primeiras Estampas próprias da República (1892)

R131 – 100\$000 réis	6ª Estampa	1892-1901	1ª a 8ª	800 000	505 000
R143 – 200\$000 réis	7ª Estampa	1892-1907	1ª a 4ª	400 000	400 000



⁹ Victor Meirelles foi um pintor e professor catarinense, nascido em Nossa Senhora do Desterro, em 1832. Foi um dos precursores da pintura moderna brasileira. Especializou-se no gênero da pintura histórica. Entre suas principais obras podemos citar *A Primeira Missa no Brasil* e *Batalha dos Guararapes*.

Figura 9 – Anverso da cédula de 200 mil-réis (1892-1907) da 7ª Estampa do Tesouro Nacional (P.72; R143), *specimen*, impressa pela ABNCo. No centro, Alegoria “At the Helm”, “No Comando”. Gravura realizada pela *National Bank Note Co.* (1859-1879), que passou a fazer parte da *American Bank Note Co.* em 1859.

Emissões de 1893



Figura 10 – Anverso da cédula de 500 réis (1893-1910) da 3ª Estampa do Tesouro Nacional (P.1; R072), *specimen*, impressa pela ABNCo. À direita temos Minerva,¹⁰ deusa romana das artes, do comércio e da sabedoria.

3 – Emissões de 1893

R072 – 500 réis	3ª Estampa	1893-1910	1ª a 160ª	16 000 000	15 000 000
R120 – 50\$000 réis	7ª Estampa	1893-1907	1ª a 24ª	2 400 000	Não apurada



Figura 11 – Anverso da cédula de 50.000 mil-réis (1893-1907) da 7ª Estampa do Tesouro Nacional (P.49; R120s), *specimen*, impressa pela ABNCo. À direita, temos uma alegoria da República e à esquerda alegoria das finanças intitulada “Peace”, Paz, gravada por *Alfred Jones*, da ABNCo. em 1889.

No reverso da cédula de 50 mil-réis, temos a Primeira Missa, pintura de **Victor Meirelles**, realizada entre 1858 e 1861, que também se encontra no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

¹⁰ Equiparada à deusa Atena grega.

Essas emissões de 1893 nos parecem atípicas. A par os temas alegóricos, não existem outras características em comum para que possamos agrupá-las em uma “família”.

Emissões de 1897 (características comuns – belas rosáceas e arabescos de magnífica coloração)



Figura 12 – Anverso da cédula de 100.000 mil-réis (1897-1907) da 7ª Estampa do Tesouro Nacional (P.61; R132s), *specimen*, impressa pela ABNCo. À direita, temos uma alegoria que acreditamos ser das *Artes e da Cultura*, mas que alguns denominaram do *Comércio e Indústria*.

4 – Emissões de 1897

R132 – 100\$000 réis	7ª Estampa	1897-1907	1ª a 12ª	1 200 000	590 000
R144 – 200\$000 réis	8ª Estampa	1897-1907	1ª a 10ª	1 000 000	400 000
R154 – 500\$000 réis	6ª Estampa	1897-1907	1ª a 4ª	400 000	400 000



Figura 13 – Anverso da cédula de 200.000 mil-réis (1897-1907) da 8ª Estampa do Tesouro Nacional (P.73; R144s), *specimen*, impressa pela ABNCo. No centro, alegoria da República. Essa mesma alegoria foi utilizada em 1929, em vários *specimens* de propaganda da ABNCo.



Figura 14 – Anverso da cédula de 500.000 mil-réis (1897-1907) da 6ª Estampa do Tesouro Nacional (P.83; R154s), *specimen*, impressa pela ABNCo. Ao centro, alegoria das Artes e da Cultura. No reverso, temos a Batalha Naval do Riachuelo, pintura do **Victor Meirelles**, realizada entre 1882 e 1883, que se encontra no Museu Histórico Nacional (MHN) no Rio de Janeiro.

Em 1896, o Governo cancelou o direito bancário de emissão do *Banco da República do Brasil* (1892-1905) e o Tesouro Nacional tornou-se, até 1923, o único emissor legal. Assim, temos essa pequena série com características comuns que visava substituir os bilhetes bancários por cédulas do “Tesouro Federal”, leia-se Nacional.

Conclusão

Como vimos, em 1890 surgiram as primeiras cinco cédulas da República, que foram aproveitadas das estampas do Império.

As primeiras estampas próprias da República surgem em 1892, baseadas principalmente em alegorias pré-existentes no acervo da ABNCo. A cédula de 100 mil-réis, no entanto, apresenta uma bela vista do trecho da Rua 1º de Março face à Praça XV, no Rio de Janeiro, baseada em uma foto de Marc Ferrez.

Seguem-se as emissões de 1893, com a cédula de 500 réis da 3ª Estampa, com nada menos que 15 milhões de unidades emitidas, certamente pela necessidade de troco.

As emissões de 1897 surgiram após a suspensão do direito de emissão do Banco da República do Brasil (1892-1905). Como vimos, o intuito era substituir as emissões bancárias pelas cédulas do Tesouro. Esse banco, reestruturado pelo Governo, veio a formar o novo Banco do Brasil em 1905, 5º efetivo e 4º de nome.

Em 1900, temos a cédula de 2 mil-réis da 9ª Estampa do Tesouro Nacional, que deixamos de tratar aqui por já ter sido tema do Boletim da AFSC nº 63 de março de 2011, pg.4-19, na matéria intitulada “*Joaquim Murtinho e o caso da Cédula de 2 mil-réis de 1900*”.

A imagem do Imperador D. Pedro II permaneceu nas cédulas do Tesouro desde 1835 até 1889 (54 anos). De 1889 até 1913 (24 anos), nenhuma personalidade política apareceu nas cédulas do Tesouro Nacional. Em 1913 foi emitida a cédula de 5 mil-réis (P.24; R095), homenageando o Barão do Rio Branco.¹¹

¹¹ O Presidente da República Afonso Pena (1906-1909) aparece em todas as cédulas da Caixa de Conversão da 1ª Estampa, em 1907, mas, neste caso, não se trata das cédulas do Tesouro Nacional.

Bibliografia

AMARAL, J. Vinicius do. *Catálogo J. Vinicius de Cédulas do Brasil, 1773 a 1980*. São Paulo; 1ª edição, 1981-82.

Cédulas Brasileiras da República – Emissões do Tesouro Nacional. Banco do Brasil S.A Rio de Janeiro, 1965.

Cédulas do Brasil 1833 a 2003. Cláudio Amato, Irlei S. Neves, Julio E. Schütz. São Paulo, 2011.

GONÇALVES, Cleber Baptista. *Casa da Moeda do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 2ª Edição, 1989

LISSA, Violo Ídolo. *Catálogo do Papel-Moeda do Brasil – 1771-1986*. Brasília: Editora Gráfica Brasileira Ltda., 1987.

MAGAN, Ricardo M. *American Bank Note Company Archives*, First Edition, 2005.

MEILI, Julius. *O Meio Circulante no Brasil - Parte III - A Moeda Fiduciária no Brasil, 1771 até 1900*. Zurique: Tipografia de Jean Frey, 1903.

O Museu de Valores do Banco Central do Brasil. São Paulo, Banco Safra, 1988.

Standard Catalog of World Paper Money – General Issues (1368-1960), 16th edition, Edited by Tracy L. Schmidt, Krause Publications, 2016.

TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Dinheiro no Brasil*. Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial, 2ª edição, 1987.

TRIGUEIROS, F. dos Santos. *Iconografia do Meio Circulante do Brasil*. Banco Central do Brasil, Gerência do Meio Circulante, 1972.

Anexos

1. Bandeira do Brasil Império, criada por *Jean Baptista Debret* – 1822



À esquerda temos a bandeira imperial, seguida do pavilhão. Também à esquerda temos a inscrição “*J.B Debret Del.*”¹², ou seja, *desenho de Jean Baptista Debret*. (in, *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu' en 1831 [...]*. Paris: Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'institut de France, Tome troisième, 1839, p.PL.29. (Fonte: gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France)

2. Bandeira do Brasil Republicano – Revista O Cruzeiro, capa de *J. Carlos* – 7 de setembro de 1935

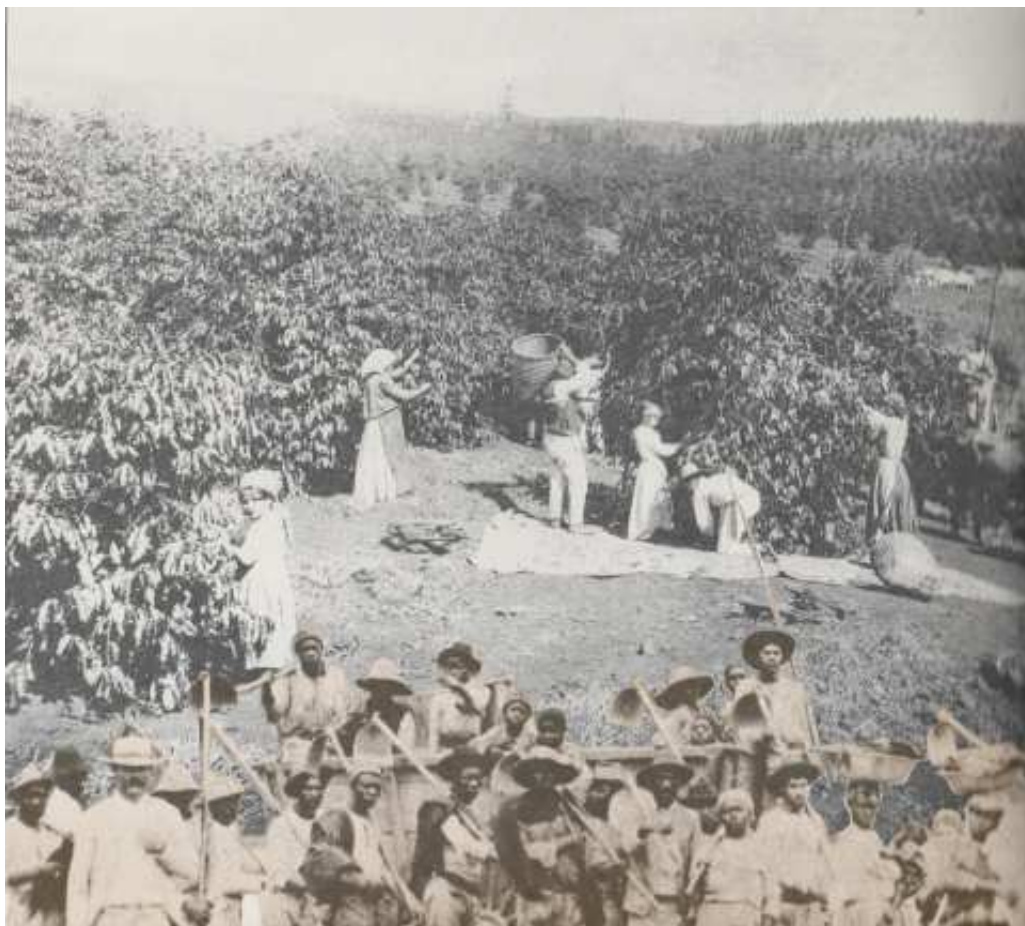
Capa da Revista O Cruzeiro de 1935. Desenho¹³ de *J. Carlos* (*O Cruzeiro – Revista Semanal Ilustrada*. Rio de Janeiro: 7 de setembro de 1935, ano VII, Número 44, 38X27 cm). José Carlos de Brito e Cunha, mais conhecido como *J. Carlos*, foi um chargista, ilustrador e designer gráfico brasileiro. Foi um dos maiores representantes do estilo *art déco* no Brasil.



¹² Do latim “*delineavit*”, aquele que desenhou.

¹³ Aquarela sobre papel. Sua assinatura consta no canto inferior esquerdo.

3. Colheita do café em uma fazenda no Brasil



Fotomontagem de imigrantes na colheita do café (início do Século XX) e ex-escravizados de uma fazenda de café conjuntamente com emigrantes (final do Século XIX ou início do Século XX). (in, Nosso Século, A Era dos Bacharéis, 1900/1910. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pg.82. A imagem é semelhante à vinheta da ABNCo. (Figura 1).

4. Cédula de 1 mil-réis da 7ª Estampa – Tesouro Nacional – Império



Anverso da cédula de 1 mil-réis (1889-1920) da 7ª Estampa do Tesouro Nacional (P.A255; R016s), *specimen*, impressa pela ABNCo. À direita, temos a efígie de D. Pedro II. Quantidade emitida: 1 000 000 (10 séries).

5. Cédula de 100 mil-réis da 6ª Estampa – Tesouro Nacional – República



Reverso da cédula de 100 mil-réis (1892-1901) da 6ª Estampa do Tesouro Nacional (P.60; R131), *specimen*, impressa pela ABNCo. *Batalha dos Guararapes*, pintura de Victor Meirelles, realizada entre 1875 e 1879, que se encontra no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

6. Cédula de 100 mil-réis da 5ª Estampa do Tesouro Nacional (1877-1901) emitida em 1890. Uma emissão clandestina?



100 mil-réis 5ª Estampa ABNCo. (1877-1901)

Tesouro Nacional – Império

Séries: 1ª a 13ª

Quantidade emitida: 1 250 000 (da 13ª série foram impressas apenas 50 000 cédulas)

Estas cédulas além de terem sido utilizadas pelo Tesouro Nacional foram também emitidas com superimpressão pelos seguintes bancos privados: Banco da Bahia, Banco Emissor da Bahia, Banco Emissor do Norte, Banco Emissor de Pernambuco, Banco Emissor do Sul, Banco Nacional do Brasil e Banco de São Paulo. Até o momento desconhecemos as quantidades cedidas pelo Tesouro aos bancos privados.

Publicou-se no **Diário Oficial da União** de **22 de maio de 1895**, p.4028, a resposta do Inspetor da Caixa de Amortização ao Ministro da Fazenda sobre uma publicação do Jornal do Brasil (Jornal do Brasil, nº 135, de 15 de maio de 1895) relativa à circulação de cédulas de 100 mil-réis da 5ª Estampa, **10ª Série**.

O jornal chamou de emissão *clandestina* a emissão das cédulas de 100 mil-réis da 5ª Estampa, **10ª Série (e outras)**. As cédulas foram encontradas circulando no comércio de São Paulo.

O Inspetor afirma não se tratar de cédulas clandestinas. E diz o seguinte:

Com o advento da República foram condenadas cédulas de 100 mil-réis da 5ª Estampa e vedada a sua emissão, por terem emblemas representativos do antigo regime, ficando na casa forte desta repartição um stock de quatrocentas e vinte e um mil novecentas e oito cédulas (421.908), para serem queimadas quando fossem substituídas as da mesma estampa que já se achavam em circulação, aguardando-se as que haviam sido encomendadas ao nosso fornecedor American Bank Note Company.

E afirma ainda: Não foram os fornecedores prontos na remessa de toda a encomenda feita e sobrevindo a revolta (Revolta da Armada – novembro de 1891), teve o Governo necessidade de, para atender as despesas, lançar mão de todo o stock, e daí, não clandestinamente, mas precedendo decreto do Governo, despacho da junta administrativa da Caixa e anúncios pela imprensa, o aparecimento de tais cédulas em circulação.

E tanto isso é mais verdade que, logo que esta repartição foi habilitada com a vinda da encomenda feita, anunciou o resgate daquelas e a ela se esta procedendo, não só aqui, mas em todos os Estados por suas delegacias, pois ainda existem em circulação 374.721 ½ cédulas. Com o recolhimento delas, depois de um tão curto prazo de circulação, e atendendo ainda o valor da cédula, não é motivo de surpresa que as que se acham no escritório do aludido Jornal não estejam maculadas pelo uso; mácula que só se verifica e se observa, ou quando a cédula tem grande uso, ou quando é feita de papel ruim. Esta seção não tem necessidade de verificar e examinar tais cédulas, pois que elas foram emitidas legalmente e sabe mais que a assinatura é a do 1º escrivão João da Silveira Sampaio. (Seção do papel-moeda da Caixa de Amortização, 17 de maio de 1895 – José J. de Pillar Filho.

Neste mesmo número do Diário Oficial da União foram também publicadas as explicações do Tesoureiro ao Inspetor. Vejamos: “Informando sobre o artigo publicado no Jornal do Brasil de 15 do corrente mês, cumpre-me dizer que, por força do **Decreto nº 1616 A de 23 de dezembro de 1893**, foi emitido o resto das cédulas de 100 mil-réis da 5ª Estampa em número de **421.908 cédulas, visto não se ter ainda recebido as de grandes valores, que tinham sido pedidas para substituir essa Estampa**, que se achava com prazo marcado.

Essas cédulas foram emitidas por deliberação da junta atendendo-se à urgente necessidade de se dar cumprimento ao decreto e à falta absoluta de outras, tendo se emitido até a de **nº 50.000 da 13ª série**, última do stock. Da emissão dessa estampa ordenada pelo Aviso nº 199, de 17 de novembro de 1877, e que esgotou as **treze e meia séries** recebidas da fábrica, existiam ainda em circulação, pelo balancete de 30 de abril próximo passado, 37.472 ½ cédulas, no número das quais estão incluídas as de que trata a referida publicação.

O fato de se conservarem em perfeito estado é devido a pouca circulação que tem as notas de grandes valores e ao hábito dos bancos de armazenarem os seus saldos de preferência, em cédulas novas, por serem mais fáceis de verificação e contagem. Saúde de Fraternidade. – Tesouraria da Caixa de Amortização, 18 de maio de 1895. O tesoureiro, **A.A. Viera da Costa**.

Depreende-se destas informações dadas pelos funcionários da Caixa de Amortização, que houve a emissão de **421.908 cédulas** de 100 mil-réis da 5ª Estampa do Tesouro Nacional, provavelmente em **1891-92**, a data não foi mencionada com precisão.

Assim, estas cédulas do Império foram emitidas já no período Republicano, supostamente como medida de urgência frente à Primeira Revolta da Armada (1891-92), já que o impressor não teria providenciado novas estampas a tempo.

Considerando que da 13ª série foram impressas apenas 50 000 cédulas, outras séries destas cédulas de 100 mil-réis também foram emitidas já no período Republicano.

Em 1892 foram emitidas cédulas de 100 e 200 mil-réis, a primeiras cédulas propriamente da República.

O mencionado Decreto de 1893 que daria a autorização para esta emissão, não conseguimos localizá-lo. Se na época os jornalistas não tiveram notícias dele é porque simplesmente ele foi inventado na ocasião da prestação de contas em 1895.

O fato é que as cédulas foram consideradas todas emitidas, as 1 250 000, inclusive tendo sido também cedidas aos bancos privados na época da *pluralidade bancária emissora* (1888-1892).

A emissão não foi publicada (antes de 1895), foi clandestina até aquela data, mas não saberíamos dizer se houve fraude aos cofres públicos.

(Transcrição, atualização e adaptação nossa)

(*) Márcio Rovere Sandoval

E-mail: marciosandoval@hotmail.com

Blog: Sterllingnumismatic.blogspot.ca

brazil stamps

Selos - Envelopes - Material filatélico
Classificadores, álbuns importados com
melhores preços

www.brazilstamps.com.br

+55 85 9 9813 5016

www.brazilstamps.com.br
contactbrazilstamps@gmail.com

ifsda
int. federation of stamp
dealers' associations

A.B.C.F.
ASSOCIAÇÃO
BILÉTERA DOS COMERCIANTES
DE FILATELISMO

QR code

Irineu Bornhausen

Renato Mauro Schramm - Florianópolis, SC (*)



Falar do Estado de Santa Catarina e deixar de lado a figura de Irineu Bornhausen é o mesmo que falar de futebol sem citar o Rei Pelé.

Quem pensa que sua vida foi fácil está enganado, haja vista que ajudou muito seus pais João e Guilhermina, colonos descendentes de suíço-alemães na agricultura e, posteriormente, em estabelecimento comercial da família.

Foi eleito governador de Santa Catarina, em 1951. Em 1958, elegeu-se simultaneamente senador e deputado federal na legenda da UDN. Político de muita visão, promoveu a criação do chamado “Projeto 17”, depois transformado na Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC) e a Secretaria de Agricultura e as escolas agrícolas de Araquari e Camboriú.

Irineu Bornhausen nasceu em 25 de março de 1896, na cidade portuária de Itajaí – SC, cidade onde iniciou sua brilhante vida política, no ano de 1923,

ao se eleger Vereador pelo Partido Republicano Catarinense. Foi reeleito em 1927, quando foi galgado ao posto de Presidente da Câmara de Vereadores de Itajaí, até 1930.

Foi eleito Prefeito. Porém, face à Revolução de 1930, não chegou a tomar posse. A partir do seu casamento com a Sra. Marieta Konder, filha do patriarca da família Markus Konder (imigrante alemão), formou-se uma das mais importantes oligarquias políticas catarinenses.

Entre os familiares de sua esposa Marieta, destacaram-se especialmente seus irmãos Adolfo Konder, que foi Deputado Federal (1921-1926), Governador de Santa Catarina (1926-1930) e Constituinte de 1934; Vitor Konder, Ministro da Viação (1926-1930) e Arno Konder, que seguiu a carreira de Diplomata.

Afastados do poder pela Revolução de 1930, os KONDER permaneceram em ferrenha oposição ao Governo de Getúlio Vargas (e nem poderia ser diferente). Nesse temo, iniciou-se uma rivalidade entre os KONDER e os RAMOS, outra oligarquia em ascendência, encabeçada pelo maçom Nereu de Oliveira Ramos, governador e interventor em Santa Catarina, de 1935 a 1945.

Abrimos um parêntese para enaltecer a figura de Nereu Ramos. A ele coube, em sua breve passagem pela Presidência da República, de 11.11.1955 a 31.01.1956, sob estado de sítio, completar o quinquênio presidencial.

Irineu Bornhausen foi eleito Prefeito de Itajaí em 1936. Tomou posse em abril e, mesmo com a decretação do Estado Novo, permaneceu no cargo até janeiro de 1939, ocasião em que renunciou ao cargo.

Em 1945, com a queda do Estado Novo, os RAMOS participaram da formação do PSD – Partido Social Democrático, ao passo que Irineu e os Konder se fizeram presentes na criação da UDN - União Democrática Nacional, oportunidade em que



RHM K11 de 09.01.1930
Condor - Victor Konder.
3º Aniversário do Serviço
Aéreo Comercial do Brasil.



Edital nº 3 – Personalidades Brasileiras. 1996.
Centenário de Nascimento de Irineu Bornhausen.

Todavia, no pleito de outubro de 1955, conseguiu eleger Jorge Lacerda por meio de uma coligação com o PDC (Partido Democrata Cristão), com o Partido de Representação Popular (PRP) e com o Partido Social Progressista (PSP). Transmitiu o governo em janeiro de 1956 e, nas eleições de outubro de 1958, elegeu-se simultaneamente senador e deputado federal na legenda da UDN.

Iniciou seu mandato em fevereiro de 1959. Partidário de um conservadorismo intransigente, integrou as comissões de Finanças, de Legislação Social, de Economia, de Segurança Nacional e de Transportes e Comunicações, além de exercer a Vice-Presidência da Comissão de Obras Públicas.

No ano de 1960, Irineu Bornhausen participou da campanha para Governador de Santa Catarina sendo, na ocasião, derrotado por Celso Ramos do PSD.

presidiu, por várias vezes, a sessão estadual. Em 1947, nas primeiras eleições estaduais depois da queda do Estado Novo, candidatou-se ao governo de Santa Catarina pela coligação da UDN com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), obtendo, no pleito de 19 de janeiro, 81 mil votos, 14 mil a menos que o vitorioso Aderbal Ramos da Silva, do PSD.

Retornando como candidato, logrou eleger-se em 03.10.1950, derrotando o candidato do PSD, Dr. Udo Deeke, meu grande amigo, com quem tive o prazer de trabalhar de 1975 a 1980, na CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina.

Durante seu governo, iniciado em janeiro de 1951, promoveu a criação do chamado “Projeto 17”, depois transformado na Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), e procurou introduzir a planificação nas atividades públicas estaduais. Criou a Secretaria de Agricultura e as escolas agrícolas de Araquari e Camboriú, além de instalar o Laboratório de Química Agrícola e Industrial.

Era um político de muita visão, tanto é que se empenhou para a conclusão da ligação ferroviária entre Blumenau e Itajaí (que lamentavelmente foi destruída por uma política criminosa que veio a liquidar a nossa Estrada de Ferro), e transformou em rodovia a estrada do Rio do Rastro. Em Florianópolis, construiu o Edifício das Diretorias e o Palácio da Agrônômica, residência dos governadores. Também reformou o Teatro Álvaro de Carvalho. Sem grande êxito, procurou conciliar a UDN e o PSD em nosso Estado.

Foi Vice-Presidente nacional da UDN e deu apoio ao movimento político-militar de 1964, que provocou a deposição do Presidente João Goulart.

Em 1965, apoiou a candidatura de Antônio Carlos Konder Reis ao Governo do Estado, sendo que seu partido, a UDN, foi derrotado por Ivo Silveira, do PSD.

Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), onde se congregaram tanto os udenistas quanto os pessedistas catarinenses. Bornhausen desempenhou papel decisivo na integração dos dois agrupamentos rivais dentro do novo partido situacionista.



RHM C 1987 25.03.1996.
Centenário de Nascimento
de Irineu Bornhausen.

Deixou o Senado no final do mandato, em janeiro de 1967, mantendo, entretanto, sua liderança política. À frente dos Konder-Bornhausen, patrocinou, juntamente com a família Ramos, discreta, porém eficaz oposição ao governo catarinense de Colombo Sales (1971-1975), que proclamara a disposição de eliminar as oligarquias da vida política do Estado. Pouco antes de falecer, ainda participou das articulações para a indicação de seu sobrinho Antônio Carlos Konder Reis à sucessão estadual, processo que consolidou a união dos antigos PSD e UDN em Santa Catarina. Eleito em outubro de 1974, Konder Reis governaria o estado entre 1975 e 1979. Irineu Bornhausen foi um bem-sucedido empresário, tornando-se acionista majoritário do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, até sua incorporação ao

Bradesco, em 1965. Diversos outros negócios, inclusive jornais e emissoras de rádio e televisão, passaram a integrar o patrimônio dos Konder-Bornhausen.

Depois de vários meses acamado em consequência de um derrame cerebral, Irineu Bornhausen, o grande estadista e político catarinense faleceu na cidade de Blumenau, no dia 11 de agosto de 1974.

Teve três filhos: Paulo Konder Bornhausen, deputado estadual (1955-1959) e presidente da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Roberto Konder Bornhausen, diretor-presidente do Unibanco, e Jorge Bornhausen, que além de governador de Santa Catarina, entre 1979 e 1982, e senador da República, entre 1983 e 1991, foi também ministro da Educação (1986-1987), secretário de Administração do governo federal (1992), embaixador do Brasil em Portugal (1996-1998) e novamente senador (1999-). Seu neto, Paulo (Paulinho) Bornhausen, filho de Jorge, também se iniciou na política catarinense, tendo sido deputado federal de 1995 a 1999, iniciando, nesse último ano, mandato de deputado estadual.

(*) Renato Mauro Schramm

Presidente do Clube Maçônico do Brasil

Presidente de Honra da FILABRAS

Vice-Presidente da Academia Brasileira de Filatelia

Membro Honorário da Associação Italiana de Filatelia Maçônica - GOI



Variedades Permanentes nos Selos da Série Hansen do Padre Veuster de 1952 e 1953

Henrique Costa Braga - Belo Horizonte, MG (*)

Introdução

Grosso modo, em filatelia, variedade é todo item que possui uma variação em relação ao item modelo ou padrão. As variedades podem ser categorizadas por diversas formas, como pela sua natureza (chapa, filigrana, impressão, papel, etc.), ou em razão da etapa em que ocorrem (primárias, secundárias ou terciárias), ou mesmo em razão da sua frequência e regularidade.

Das variedades, destacamos as permanentes. Variedades permanentes são as que ocorrem com especificidade em todas as folhas oriundas de determinada origem, como a de uma dada chapa, por exemplo. Ainda, entre as variedades permanentes, existem as variedades sistêmicas, que são aquelas que ocorrem em todas as folhas da emissão. Na filatelia brasileira, existem várias emissões que possuem estes tipos de variedades.

As variedades permanentes são filatelicamente muito relevantes, tanto devido à grande quantidade de itens que são emitidos com essas características, como pela possibilidade apresentada para o estudo das regras ou condições da sua geração. Assim, as variedades permanentes e seus estudos são uma parte importante da história daquele item filatélico em que ocorrem. Infelizmente, nossa catalogação atual não trata sistematicamente de todas essas importantes variedades.

Isso se dá, provavelmente, porque as diferenças em relação ao selo tipo são, muitas vezes, discretas e sem grande apelo temático. Ainda porque, quando existem, se dão em grande quantidade, e quando a oferta é grande, o valor monetário se reduz. Essas características somadas, em minha opinião, acabaram em muitos casos as tirando do campo de foco ou do interesse principal de muitos dos atores envolvidos na filatelia, principalmente no caso dos itens filatélicos de menor valor econômico.

Assim, contribuindo com o assunto, este trabalho tem como objetivo a identificação de possíveis variedades permanentes existentes nos selos da Série Hansen, do Padre Veuster, de 1952 e 1953. Essas são duas emissões icônicas, para as quais são conhecidas dezenas de variedades. Portanto, desejamos saber quais, entre todas essas variedades, seriam permanentes. Ressalto que, apesar de interessante, o estudo sistemático dos demais tipos de variedades destes selos não faz parte do escopo deste trabalho.

Para isto, realizamos uma pesquisa sistematizada em uma amostra de 20 folhas completas (09 folhas do selo de 1952 e 11 folhas do selo de 1953) e, adicionalmente, uma centena de outras peças entre selos individuais avulsos, pequenos blocos e selos em envelopes circulados, complementados por imagens encontradas na internet e pela literatura filatélica referenciada. Verificamos as variedades encontradas e a possibilidade de serem categorizadas como permanentes.

A Série Hansen

Os selos da série Hansen foram emitidos para atender a ocorrência de uma sobretaxa obrigatória (portanto uma classe de imposto postal), visando especificamente serem obtidos recursos destinados à Federação das Sociedades de Assistência aos Lázarus em benefício dos filhos sadios dos leprosos. Essa sobretaxa foi estabelecida pela Lei Nº 909, de 08/11/1949 e, inicialmente, regulamentada pelo Decreto Nº 31.684, de 31/10/1952 (Xavier Júnior, [s.d.]).

Em suma, esse decreto determina a obrigatoriedade do uso de um selo adicional, que não deve ser considerado na composição do porte normal da franquia, na última semana do mês de novembro de cada ano.

A correspondência que não tivesse esse selo adicional, aposto no período da sua obrigatoriedade, deveria ser penalizada com a cobrança do valor dele, em dobro.

O Catálogo RHM (Meyer, Meyer, 2019) apresenta a série Hansen como sendo composta ao todo por 31 diferentes selos emitidos entre os anos de 1952 e 1994. Sabe-se que, em alguns anos, não ocorreram emissões e, em outros anos, usou-se a reimpressão de selo de emissão anterior. Ainda, o Catálogo RHM os categoriza como selos comemorativos, relacionando os selos Hansen cronologicamente, dentro da categoria de comemorativos.

Entretanto, para os selos Hansen, além do código normal de selo comemorativo, o catálogo apresenta uma codificação particular, variando de H-1 até H-31. Por exemplo, pela codificação, o H-1 (ou C0289) foi a primeira emissão, de 1952, o H-2 (ou C0323) foi a segunda emissão, de 1953, e o H-31 (ou C1927) foi a última emissão, de 1994.

Padre Damião e os Selos H-1 e H-2

Em relação aos primeiros dois selos da série Hansen (H-1 e H-2), foco deste trabalho, a sua imagética é idêntica, exceto pela cor, e traz em destaque a figura do Padre Veuster, além da imagem representativa de um casal de crianças (figura 1). Abaixo da imagem do religioso está o nome Padre Damião e abaixo da imagem das duas crianças encontra-se a frase “Preservação da Criança Contra o Mal de Hansen”. O responsável pela arte foi Bernadino da Silva Lancetta.

Figura 1 - Os selos H-1 e H-2 típicos, à esquerda e à direita respectivamente.



O Padre Veuster, nascido Josef de Veuster (n. Tremeloo, Bélgica, 1840 – f. Molokai, Havaí, Estados Unidos, 1889), também era conhecido como Padre José Damião de Veuster (Damião era o seu nome adotado quando dos seus primeiros votos religiosos). Em 1863, transferiu-se da Bélgica para missões no antigo reino do Havaí, onde foi ordenado sacerdote em 1864, na capital Honolulu. No Reino do Havaí, havia a ilha de Molokai, onde viviam, miseravelmente e segregados do mundo, uma comunidade de leprosos.

Comovido com a situação dessa comunidade, depois de nove anos de sacerdócio, voluntariamente, ofereceu-se para dedicar sua vida aos cuidados desses leprosos e, conseqüentemente, compartilhar suas desventuras. Na ilha de Molokai, viveu por 16 anos até sucumbir pela então terrível doença da lepra, que também o atingiu (Baggio, 1955-6). Foi canonizado em 2009, pelo Papa Bento XVI, sendo considerado o padroeiro dos leprosos e dos doentes de SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Ambos os selos H-1 e H-2 possuem o valor nominal de Cr\$ 0,10 (à época, o 1º porte nacional era de Cr\$ 0,60), sendo emitidos em folhas com goma, de 72 exemplares cada (8 colunas de 9 selos), impressos por ofsete. O selo H-1 possui data de emissão de 24/11/1952, 11 ½ de denteação, filigrana Q (BRASIL ☆ CORREIO), com tiragem de aproximadamente 2.000.000 de unidades. Já o selo H-2 possui data de emissão de 30/11/1953, denteação mista (13 ½ x 12 ½), filigrana P (CORREIO ☆ BRASIL), com tiragem de aproximadamente 15.000.000 de unidades.

Quanto à denominação de suas cores, assunto não raramente polêmico na filatelia, o Catálogo RHM (1994) identifica o selo H-1 como sendo pardo, mas catálogos de selos mais próximos à época de seu lançamento trazem a denominação castanho (F. Schiffer, 1954), ou cor marrom avermelhado (Landau, 1956), ou mesmo cor marrom laranja (Santos Leitão, 1962). O assunto é tão pitoresco que, por exemplo, o Catálogo Thuin (1973), em determinado ponto, denomina a cor desse selo de pardo (p. 136) e, em outro ponto, na mesma edição do catálogo, de cor castanho claro (p. 43). Já para o selo H-2, a variação de denominações é menor, mas existe. Entretanto, basicamente são denominados de verde.

Em relação às variações já relatadas desses selos, o ainda hoje insuperável Catálogo de Variedades, do Dr. Antônio Olivé Leite (1955), identifica 9 (nove) variações no selo tipo H-1 e incríveis 87 (oitenta e sete) variações no selo tipo H-2, descrevendo-as. Um ponto alto do catálogo Olivé Leite, de grande relevância filatélica, que dificilmente ocorre em quaisquer outros estudos, é que, muitas vezes, é realizada a identificação do “endereço” da ocorrência da variedade na folha, não se limitando, simplesmente, ao seu detalhamento imagético.

Entretanto, como pontos não cobertos pelo Catálogo Olivé Leite, podemos citar: não se apresenta praticamente nenhuma informação sobre a quantidade relativa da ocorrência, assim como não se apresenta nenhuma imagem ilustrativa.

Resultados e Discussões

Dentro dos limites deste estudo, pode-se afirmar que as séries dos selos Hansen H-1 e H-2 possuem pelo menos as seguintes variedades permanentes:

- Somente para o selo H-1, tem-se a ocorrência de linha(s) vertical(is) à esquerda, em selos localizados na 1ª coluna das suas folhas;
- Tanto para o selo H-1 quanto para o selo H-2, têm-se a ocorrência de um traço, quase ligando a cabeça do menino ao quadro esquerdo, sempre no selo da 4ª linha e 1ª coluna das suas folhas.

Para ilustração, na figura 2 se apresenta o selo H-1 com as suas duas variedades permanentes encontradas no mesmo selo (linha vertical e traço), e na figura 3 se apresenta o selo H-2 com a variedade permanente do traço.



Figura 2 - Imagem de selo H-1 localizado na 4ª linha e 1ª coluna, onde se visualizam as linhas verticais à esquerda do selo, e ao mesmo tempo o traço (posição indicada pela seta) quase ligando a cabeça do menino ao quadro.



Figura 3 - Imagem de selo H-2 localizado na 4ª linha e 1ª coluna, onde se visualiza o traço (posição indicada pela seta) quase ligando a cabeça do menino ao quadro.

Em relação às outras variedades indicadas em Leite, as que foram encontradas na amostra pesquisada estão apresentadas na figura 4. Entretanto, essas variedades, nem quaisquer outras neste trabalho, puderam ser categorizadas como sendo permanentes para essas emissões. Mais estudos ainda são necessários em uma amostra maior.

Figura 4 - Exemplos de outras variedades encontradas.



(mancha “branca” acima da cabeça do Pe. Damião e um ponto “branco” abaixo da orelha do Pe. Damião) (1)



(bola “branca” na quina superior direita do quadro, e bola com contorno “branco” em frente à frente do Pe. Damião) (1)



(mancha verde fora do quadro superior acima da frente do religioso) (1)



(“orelha” causada por acidente de picotagem) (1)



(mancha “branca” em frente ao rosto do religioso) (2)



(ausência de picotes na parte inferior das laterais e deslocamento para baixo da picotagem inferior horizontal) (2)

Fontes das imagens:

(1) Imagens encontradas na amostra.

(2) imagens cedidas pelo filatelista Luis Claudio Fritzen, a quem agradeço a colaboração.

Considerações Finais

Sobre as variedades permanentes encontradas, têm-se as seguintes observações:

- 1- Na folha do selo H-1, no seu lado esquerdo, existe um conjunto formado por três linhas muito próximas entre si, e que também estão muito próximas aos selos da 1ª coluna. Na maioria dos casos, devido ao enquadramento dos selos, quando da picotagem, parte dessas linhas acaba ficando dentro da área do selo (figura 2). Este desvio deve ter sido percebido, pois nas folhas dos selos H-2 este conjunto de três linhas mais próximo aos selos foi eliminado. Dessa forma esta variedade ocorre somente no H-1, e não no H-2. Assim como ocorre na borda do lado esquerdo da folha do selo H-1, na borda do lado direito desta folha também há outro conjunto de três linhas verticais, mas estas já estão muito afastadas e não interferem nos selos da última coluna.
- 2- É normal que impressões de muitos selos daquela época tenham sido feitas por várias chapas distintas, portanto é intrigante o fato de que em todas as folhas observadas tenha ocorrido sempre a variedade do traço na cabeça do menino na 4ª linha da 1ª coluna. Quantas chapas foram empregadas nessas impressões? Será esta uma variedade sistêmica?
- 3- Por fim, o fato de a variedade do traço da cabeça do menino estar tanto no selo H-1 como no selo H-2, indica que foram usadas em ambas as emissões as mesmas chapas, ou melhor, chapas oriundas da mesma matriz (fotogravura) da imagem dos selos, alterando-se entre as chapas de ambas as emissões o design das margens das folhas. Pela enormidade de variações, fica claro também que as chapas se deterioraram bastante com o uso, notadamente no H-2.

Assim, dentro dos limites deste trabalho, de quase uma centena de variedades relacionadas por Olivé Leite, três (duas no selo H-1 e uma no selo H-2) claramente podem ser consideradas como sendo permanentes. Por todo o apresentado, para a variação devida ao traço ligando a cabeça do menino ao quadro, é provável que o erro estivesse na fotogravura utilizada na gravação da(s) chapa(s). Estudos ainda são necessários em uma amostra maior para verificação mais assertiva das outras variedades.

Agradecimentos:

Agradeço aos filatelistas Luis Claudio Fritzen, Marcos Boaventura, e Lúcia de Oliveira Milazzo, todos os quais ao seu modo contribuíram diretamente com este trabalho.

Notas:

- Para fins de identificação de posicionamento (lado direito ou esquerdo), padroniza-se neste trabalho que a referência adotada será em relação ao observador, e não à peça em si;
- Como referência de localização, o selo da 1ª linha e 1ª coluna se localiza na quina superior esquerda da folha.

Bibliografia:

Baggio, Hugo. Motivos Religiosos na Filatelia do Brasil: Padre Damião. **Boletim do Círculo Filatélico São Gabriel**. Petrópolis, n. 10-11, p. 174-175, 1955-6.

F. Shiffer & Cia Ltda. **Catálogo de Selos do Brasil 1954**. São Paulo: Casa Filatélica Bandeirante. 12ª Ed. 1954.

Landau, L. **Catálogo de Selos do Brasil 1956**. Rio de Janeiro: Filatélica Ariró. 11ª Ed., 1956.

Leite, Antônio Olivé. **Catálogo de Variedades, Curiosidades e Acidentes de Impressão em Sêlos Comemorativos e Aéreos do Brasil**, Porto Alegre: Thurman, 1955.

Meyer, Peter. **Catálogo de Selos do Brasil 1994**: volume III – 1967 a 1993. São Paulo: RHM, 49ª Ed., [1994].

Meyer, Peter; Meyer, Marcelo. **Catálogo de Selos do Brasil 2019**. São Paulo: RHM, 61ª Ed., 2019.

Santos Leitão & Cia Ltda. **Catálogo de Selos do Brasil 1962**. Rio de Janeiro: Santos Leitão e Cia Ltda, 25ª Ed., 1961.

Thuin, Raoul M. de. **Catálogo de Selos do Brasil emitidos até 21-03 de 1973**. Brasília, 1973.

Xavier Júnior, Mário. **A Semana de Combate a Hanseníase (1952/1994)**. [s.d.]. Disponível em <https://www.sppaulista.com.br/colecoes>. Acessado em 24 fev 2023. Coleção 1ª parte. 80 slides.

(*) henriquebragafilatelia@gmail.com



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Superintendência Estadual de Santa Catarina

Apoio de Filatelia

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva - gabrielgd@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 - bloco B - 6º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário - São José/SC
CEP 88110-905 - Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Especiais
Selos personalizados - Coleções Anuais

Em São José: Agência Floresta - Rua Romeu José Vieira, 90
CEP: 88110-975 - Telefone: (48) 3954-4195
scacatm@correios.com.br

Em Blumenau: Agência Victor Konder - Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 - Telefone (47) 3144-2372
scafbnu@correios.com.br

Em Joinville: Agência Joinville - Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 - Telefone (47) 3419-6929
scacjve@correios.com.br

ENCONTRO DE COLECIONADORES



SELOS, CÉDULAS E MOEDAS
CARTÕES E MÁXIMOS POSTAIS
CARTÕES TELEFÔNICOS
MINIATURAS, ANTIGUIDADES

Florianópolis
3 e 4 de Agosto de 2024

Das 9 às 17 horas - Entrada Franca

Hotel Castelmar - Rua Felipe Schmidt, 1260

Informações

 Telefones: (48) 92002-3110 (Romeu Trauer)

 E-mail: afsc@afsc.org.br



Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina - AFSC
www.afsc.org.br

Nas melhores coleções!



**FILATELIA CLÁSSICA
FILATELIA TEMÁTICA
TODOS OS TEMAS**

**ARTWORK
CARIMBOS
ELEMENTOS DIFERENTES
FRANQUIAS MECÂNICAS
HISTÓRIA POSTAL
INTEIROS POSTAIS
PEÇAS ESPECIAIS
PERFINS
PROVAS
RARIDADES
TELEGRAMAS
VARIEDADES**



COMPRAMOS COLEÇÕES!

WWW.BOLZANCOLECOES.COM.BR